





A
CARTEIRA DE MEU TIO

POR

Joaquim Manoel de Macedo

NATURAL DE ITABORAHY

SEGUNDO FOLHETO

(Terceira edição)



LAEMMERT & C.—Editores

RIO DE JANEIRO—S. PAULO



A CARTEIRA DE MEU TIO

II

A

CARTEIRA DE MEU TIO

POR

Joaquim Manoel de Macedo

NATURAL DE ITABORAIIY

SEGUNDO FOLHETO

(Terceira edição)

RIO DE JANEIRO

EM CASA DOS EDITORES

EDUARDO & HENRIQUE LAAMMERT

77, Rua da Quitanda, 77

1867

A CARTEIRA DE MEU TIO



CAPITULO III

Como depois de considerações transcendentales sobre a Constituição do Imperio, prova-se até á evidencia, que é pela barriga que se governa o mundo: faço uma *conciliação*, de que muito nos aproveitamos, eu, o meu compadre Paciencia, o cavallo de meu Tio, e a mula-ruça; admiro as idéas politicas de um estalajadeiro, que tem nariz e barriga de estadista; vou deitar-me, e tenho uma *visão*, que me deixa de boca aberta.



INDA bem que o incendio da casinha do pobre votante de consciencia e a leitura soletrada dos paragraphos VII e XXII do art. 179 da Constituição do Imperio me distrahirão um pouco: deve entretanto confessar uma fraqueza: a scena de afflicção que representava a familia,

do *farropilha* não chegou a divertir-me: o crime de resistencia perpetrado pelo miseravel, que ousára regeitar a *chapa*, com que o honrara o delegadó de policia, proprietario da terra em que elle morava, devia ter um severo castigo; mas as lagrimas da velha, e o pranto desesperado da moça (que, aqui para nós, não tinha máos bigodes), chegarão quasi ao ponto de enternecer-me.

Agora, quanto á leitura da Constituição, o caso muda muito de figura: a Constituição é um poema em oito cantos, contendo cento e sessenta e nove estrophes de metrificacão variada, e, como todas as composições poeticas e de litteratura amena, serve bastante para entretenimento das horas vagas.

Que é que faz um homem sério e grave, quando se sente fatigado depois de um longo estudo de materias espinhosas e profundas?... lança mão de um romance, ou de um volume de poesias, e suavisa o espirito acabrunhado pelo peso de pensamentos transcen-

dentaes com essa leitura rapida e fugitiva, do mesmo modo que pratica aquelle, que se vinga de um abafado dia de calor tomando de noite um refrigerante sorvete no Francioni.

Segue-se, do que acabo de dizer, que eu tenho a Constituição do Imperio na conta de uma especie de sorvete: exactamente assim é; mas com uma pequenina differença, e vem a ser que, apenas em uma certa e curta época do anno deixamos de ter sorvetes, porque os irmãos ou filhos de João Bull não nos mandão gelo; e a Constituição é pelo contrario uma cousa que raramente dá signaes de vida entre nós; porque como diz meu respeitavel Tio, a Constituição é uma *defunta*, e todos sabem que os nossos ministros de estado tem sobre tudo muito medo de almas do outro mundo, e por isso conservão quasi sempre a embirante sujeitinha fechada com sete chaves em um caixão de papeis velhos; tambem não sei, porque

ainda não se lembrarão de mandar lançar essa papelada na praia; pois valia a pena!

Realmente divertio-me muito a leitura da Constituição: lembrou-me, que aquelle nêê, que lia, *soletrando*, devia aborrecer tanto o pobre livrinho, que o privava de estar fazendo travessuras, como certos tamanhões, que o lêem *por cima*, desprezão seus ditames, atacam suas bases, sophysmão os seus principios, exactamente porque o orgulhoso livrinho pretende levantar imaginarias barreiras aos abusos do poder.

A Constituição do Imperio !... eu não sei como ha insensatos, que ainda acreditem nella, e lhe rendão cultos? Não posso de modo algum comprehender a especie de adoração, que lhe tributa meu respeitavel Tio: pela minha parte declaro, que detesto a Constituição por tres fortissimas razões: primo: porque assim me assemelho a muitos dos grandes homens da minha terra; secundo: porque a Constituição do Imperio é

um poema, e eu abomino a poesia; tertio: porque, ou ella ha de ser sempre letra morta, e em tal caso é melhor enterra-la já, que é obra de caridade dar sepultura aos mortos; ou tem de ser letra viva algum dia, e por isso mesmo é muito conveniente acabar com ella quanto antes, para que depois não nos venha dar agua pela barba. Reparem bem que estas razões não são de *cabo de esquadra*; não, senhores, são razões de figurão de farda bordada.

Os entusiastas da Constituição dizem, que a adorão, pelo que ella *devia ser*, e não pelo que a *fazem ser*: asneira ño caso! as cousas são boas ou más segundo a natureza dos effeitos que produzem: respondem a isto, que a Constituição, sempre posta á margem não póde ser causa dos males do paiz, devidos sómente aos máos ministros que a não querem executar, e que governão no sentido opposto, do que ella determina: asneira maior ainda! Eu entendo, que é muito mais commodo lançar a culpa de tudo na

tal Constituição, que é muda, e portanto não se póde defender, do que nos ministros de estado, que em regra geral são uns papagaios, que fallão até pelas pontas dos dedos, e fazem taes artes de berliques e berloques, que são capazes de receber até felicitações por aquillo mesmo, porque tivessem todo o direito de se mudar das secretarias de estado para uma certa casa, da qual ninguem paga aluguel ao proprietario.

Adorão a Constituição pelo que ella devia ser: fazem-me rir os taes entusiastas! Vejamos o que dizem, que ella devia ser, e o que ella é na realidade.

Devia ser... notem, antes de tudo, que quando escrevo *devia ser*, é repetindo, o que dizem os pobres de espirito, que acreditão nas cebolas do Egypto; porque cá o *Sobrinho de meu Tio* resa pelo alcorão dos grandes estadistas de vontade de ferro.

Vamos ao caso.

A Constituição do Império *devia ser* como

as azas de um anjo, á cuja sombra se acolhessem sempre todos os Brasileiros; é, porém, como dizia aqui ha annos atrás um dos taes entusiastas, uma especie de chapéo de chuva, que os ministros trazem aberto ou fechado, conforme o tempo que faz.

A Constituição *devia ser* uma virgem formosa, de quem os ministros e magistrados da nação fossem amantes apaixonados; mas é pelo contrario com uma velha, pobre e coberta de cicatrizes, de quem elles se riem e zombão constantemente.

A Constituição *devia ser* a arca santa do povo; e não é mais do que a petéca dos oppressores do mesmô povo.

A Constituição *devia ser* um objecto sagrado, no qual nenhuma mão sacrilega tocasse sem que ficasse mirrada; e é como a terra aurifera, que vê enriquecerem-se e engrandecerem-se aquelles, cujas mãos mais lhe rásção o seio e as entranhas.

A Constituição *devia ser* uma grande realidade, e é apenas uma grande peta.

Devia ser como uma divindade, pelo culto da qual estivessem promptos a sacrificar a vida os seus sacerdotes; e é como os oráculos antigos, cujas respostas as Pythonisas interpretavão e fazião ouvir sempre favoráveis aos que melhor lh'as pagavão.

Devia ser como uma mãe idolatrada, cujos filhos lhe pagassem a maternal ternura com amor e dedicação; e é como a arvore frondosa, que se finha e morre, porque certas parasitas que nella se enroscão, lhe roubão a seiva, e págão com a morte o favor daquella que os elevou até súa cupola altaneira.

Devia ser um escudo encantado, um asylo seguro para o innocente, perseguido pela prepotencia ou pelo 'poder' oppressor, e é como uma casa sem portas, onde ninguem se julga livre de ser agarrado: por mais que um pobre homem se apadrinhe muito em regra com o mais claro e positivo de seus artigos, qualquer beleguim lhe põe a mão em cima: é o caso de se dizer — *fi-te na virgem e não corras.*

Devia emfim ser muita cousa, que não é; e pelo contrario é uma cousa, que não devia ser.

Segundo a opinião de alguns inimigos da boa ordem, cumpria, que a tal Constituição fosse invariavel, que tivesse uma só face, um só parecer: que não mudasse nunca de sentido, apesar de se mudarem as circumstancias e as posições dos homens: pois não! estão bem arranjados assim os representantes da época! nessa não cabião elles. Bem que a estatua da tal deosa houvesse sido perfilhada por um augusto estatuario, os grandes estadistas pregarão-lhe um nariz de cêra, e quando lhes convém que ella se mostre inclinada para o lado esquerdo, *zds*, um piparote no nariz; se logo depois é preciso que ella pareça voltada para a direita, *fogo*, outro piparote! de modo que a Constituição não é o que está escripto no livro da nação, mas a idéa, que melhor sorri, e que mais conta faz aos maganões do poleiro.

Constituição ! Constituição ! diga lá meu respeitavel Tio, o que quizer, a unica cousa que eu e meus grandes mestres sentimos é, que a tivessem escripto em papel : ah ! se fosse gravada em ouro, ou prata, ou mesmo em cobre... quem sabe?... algum de meus grandes mestres já teria proposto, que a mandassem reduzir na casa da moeda a meias dobras, patações, ou emfim a vintens.

E devia ser assim : porque tudo deve deixar transpirar o pensamento dominante da época, em que se vive e a historia ha de chamar o nosso bom tempo *época do vintem*.

Mas o que não posso negar é que a leitura da Constituição feita pelo nêê do inspector de quartirão, fez-me por algum tempo esquecer uma fome desesperada que já sentia : cousa celebre ! coincidencia notavel ! a Constituição que me applacou durante uma boa meia hora esse terrivel incommodo, tem tambem servido para matar a fome de muita gente, que como eu se declara contra ella!...

Senti de novo os sérios avisos do meu estomago; voltei a cabeça para o meu companheiro de viagem, e exclamei:

— Compadre *Paciencia*, estou furioso! estou com uma fome de jornaleiro!...

— Diabo! ia-lhe escapando a palavra *jornalista*; pois olhe na nossa terra tem havido fomes de jornalistas, que bem caras, ao que dizem, custarão ao thesouro publico!

— O compadre falla do passado; ainda bem.

— Mude a linguagem para o presente, que eu aposto cem contra um, que ninguem lhe chamará a bolos.

— Mas o que eu digo, é que tenho fome!

— Espere.

— Qual espere! ha estomagos, que não podem esperar muito tempo: não pensã que haja estomagos assim?...

— Oh! se penso! sei até que a fome é uma poderosa arma politica.

— Pois então...

— Anime-se ; ao quebrarmos aquella volta da estrada, esbarraremos em uma estalagem.

— Veja o que diz, compadre ; quem se esbarra, corre o risco de esborrachar o nariz.

— Espero, que tal não nos aconteça ; entretanto devo preveni-lo de uma cousa.

— De que ?...

— O estalajadeiro é politicão de truz , e convem, que não tome a nenhum de nós por adversario de suas idéas ; por consequencia, nem meia palavra sobre a maldita politica.

— Mas porque ?...

— Porque o homem é intolerante e tem o máo costume de tratar muito mal aos que não pensão como elle.

— E que partido segue o bicho ?...

— Sempre o que está de cima.

— Bravo ! é meu correligionario.

— Não me acontece outro tanto.

— Pois mude de opinião em quanto es-

tiver na estalagem: não haverá nisso novidade nenhuma; ha muita gente, que modifica sempre suas idéas politicas conforme as casas e a companhia em que se acha.

— Já estou velho, compadre; não posso mais me corrigir da mania da franqueza: quando me fazem fallar, digo só o que me dita a consciencia, e dou ás cousas o seu verdadeiro nome: *pão pão, queijo queijo*.

— Pois ha de acabar por ser tido na conta de original, ou de doudo.

— Paciencia.

— Ora, sabe o que me veio á idéa, compadre?... tornei eu depois de reflectir um pouco: estou com vontade de experimentar até onde chega a intolerancia do seu estalajadeiro.

Como ?...

— Fingindo-me opposicionista enraivado

— Não cáia nessa, tome o conselho de um velho.

— Pois que me poderá fazer o tal mar-

manjo !... não me ha de prender , nem dar pancadas, e em quanto sentir que tenho dinheiro, fará todo o possivel para tratar-me à velá de libra na sua estalagem.

— Veja primeiro bem em que se mette!

— Estou decidido : ao menos serei opposicionista uma vez na minha vida : o compadre conhece o meu correligionário estalajadeiro ?

— Não ; mas tenho delle noticias bem pouco lisonjeiras.

— Conheçamo-lo pois por experiencia propria ; accendamos as furias do tigre.

— Vá feito : aposto porém que dentro de poucas horas o meu novo compadre dará ao diabo os seus improvisados sentimentos opposicionistas ?

Não dei importancia aos receios e sinistras previsões do meu compadre *Paciencia* ; calei-me, e moendo em silencio a fome devoradora, que me ralava o estomago, esperei que o pacato e invariavel *ruço-queimado*

quebrasse o volta da estrada, e chegasse á suspirada estalagem.

Emfim, brilhou o momento desejado: vi a estalagem! senti-me um homem novo, e até o *ruço-queimado*, um pouco á semelhança das bestas de pagem, que marchando sempre atrás dos outros animaes, com que viajão, apenas vêem alguma cancella, deitão logo a correr; logo que descobrio a estalagem, fez o milagre espantoso de avançar a cabeça uma pollegada adiante da orelha da *mulla-ruça* do compadre Paciencia, que, aqui para nós, não se quiz tirar do seu trotesinho habitual.

O primeiro objecto, que me appareceu na porta da estalagem, foi uma figura humana notavel principalmente pela barriga e pelo nariz.

— Eis sem duvida alguma o estalajadeiro, disse-me o compadre Paciencia; aquella barriga e aquelle nariz são dignos da fama que tem.

Approximámo-nos e vimòs o homem bem distinctamente.

Èra uma marquinha de Judas, de pés peqñenos, pernas finas, enorme barriga saliente, cabeça enterrada entre os hombros, cara chata e vermelha, boca rasgada e sempre a rir, bochechudo, olhos vesgos, e nariz pyramidal, tendo o apicê da pyramide coroadado por um volumoso calombo còr de camarão torrado; testa de menos de pollegada, e abundante cabelladura muito desprezada.

Estava em pé em uma das portas da estalagem, com as mãos pousadas nas ilhargas, e olhando para o céu como um astrónomo posto a estudar as maravilhas do mundo da lua.

Logo ao primeiro aspecto podia-se adivinhar que o Marca de Judas era homem politico, e politico que sabe o nome aos bois: naquelle ar émbasbacado com que contemplava a abobada celeste, apreciava-se

O estadista de arromba, que aos olhos do vulgo se finge sempre distraído e todo preocupado com os altos negocios do Estado, quando dentro de si não se occupa senão dos proprios negocios.

O physico do estalajadeiro não era menos eloquente, nem depunha menos a favor de sua capacidade politica.

No grande nariz, com que o dotára, a natureza, e mesmo no proprio calombô, que rematava pyramide narigal, estava a séde desse *sentido* mais que muito politico — o olfacto : — um estadista, que quer sempre estar de cima, deve ter a olfacção muito apurada, afim de sentir a tempo quando qualquer ministerio cheira a defunto, para dar-lhe o pontapé junto da cova, ainda que elle lhe tenha dado a mão na época do seu maior vigor; pôde, é verdade, procedendo assim, ser comparado justamente com o burro da fabula, que dava o couce no leão moribundo ; mas não importa : os estadistas da escola do *Eu*, que é a pre-

dominante, assemelham-se, conforme as circumstancias, a todos os animaes da terra : quem quizer ir sempre subindo, sem nunca descer, deve divertir aos que estão de cima, fazendo tregeitos, e dando saltos como o macaco ; repetir, o que lhe mandão dizer, como o papagaio ; deixar-se cavalgar, como o cavallo ; atacar de surpresa, como o leopardo ; chafudar-se nos charcos, como a hyena, etc., etc., etc. ; mas para se fazer tudo isso, opportunamente, é preciso ter o sentido do olfacto muito desenvolvido, como o tem com o seu nariz calombudo o nosso estalajadeiro.

Abaixo do seu tremendo nariz apresenta o Marca de Judas uma boca tremenda, outra importante qualidade dos estadistas do *Eu*, que, precisando sempre dizer mentiras de alto calibre, tem necessidade de uma boca da largura da barra do Rio de Janeiro, para dar livre sahida a esses monstros destinados a illudir e enganar.

Depois da boca, segue-se a barba e o pescoço, que de nada prestão (pescoço até é bom não ter, por causa das duvidas); depois o peito, que só serve de ornato, dentro do peito o coração, que é uma viscera incommoda e perturbadora do socego; mas que os estadistas do *Eu* sabem aquietar e adormecer, collocando a algibeira do collete e um bolso da casaca bem por cima della.

Emfim, do peito se passa para a barriga, e aqui brilha de novo o nosso estalajadeiro com o bojo immenso que tem. Um grande politico deve ter uma grande barriga; está visto que eu não fallo desses homens sem juizo, desses toleirões que vivem vida politica dez, vinte e mais annos, e sahem emfim della pobres como nella entrárão; eu fallo dos estadistas do *Eu*, daquelles que se sabem *aproveitar*, e dão provas de *juizo* e de *habilidade*.

Os Chins, que são verdadeiros genios, e que no que diz respeito á *politica* podem

dar lições aos mestres, tanto mais considerão e altamente avalião o homem, quanto maior é a sua barriga, e mais crescidas as *suas unhas*: que perspicacia de povo!... Ah! se o meu estalajadeiro tem, como é provavel, as unhas tão desenvolvidas como a barriga, e apparecesse na China, fazia uma revolução, produzia um cataclisma politico, e acabava por ser declarado *filho do sol*; e não havia n'isso muito que admirar; porque meu respeitavel Tio assevera que aqui na nossa terra, que não é a China, ha sujeitinhos, que ainda ha poucos annos elle os conheceu páos de lorangeira, e agora já querem passar por netos da lua!

Sou obrigado a fazer ponto final, ou pelo menos pausa de suspensão na barriga do estalajadeiro, visto que chagámos á porta da estalagem, e apeámo-nos. Fique, porém, entendido, que já de ante-mão respeito o Marca de Judas, como um politico de papo amarello: aquelle physico não engana a nin-

guem ; e até mesmo por ter seus pontos de contacto com Judas, na altura ; deve por força ser um notavel estadista da *escola do Eu*, na qual os Judas são sempre admittidos com vivas provas de enthusiasmo, e recebem demonstrações não equivocadas do muito que valem, e que delles se espera.

Eu, e o compadre *Paciencia*, entrámos para uma saleta, no fundo da qual havia dous quartos, em que devíamos passar a noite : o cavallo de meu Tio, e a mulla-ruça forão para a estribaria.

O estalajadeiro entrou logo atrás de nós, e foi-nos dizendo que se chamava *Constante*, e que não só era constante no nome, como tambem nos principios, porque nunca tinha mudado de partido : realmente o homem tinha razão de fallar assim, pois que o compadre *Paciencia* asseverava, que elle era sempre governista, governassem embora Gregos ou Troyanos.

Pedimos ao senhor Constante, que nos man-

dasse dar de jantar, posto que fosse antes cêa, o que lhe devessemos pedir às horas em que estavamos.

— Já, n'um pulo; exclamou elle; mas... os senhores vêm do lado da cidade.... que novidades ha da côrte?...

— Jantar, primeiro que tudo, respondi eu.

— Já.... n'um pulo; tornou-me elle: porém o ministerio?...

— Jantar, ou não nos arranca palavra; estou com uma fome de quinze dias.

O senhor Constante fez uma piroeta, e correu para fóra com a graça de uma si-riema.

— Veja lá o que faz; disse-me o compadre.

— Deixe o caso por minha conta, respondi.

O estalajadeiro investio-nos de novo.

— Estão dadas as ordens; dentro em meia hora terão os senhores um verdadeiro banquete!...

— Ainda bem.

— E que novidades ha?... VV. SS. vierão da côrte?...

— É verdade.

— Tudo em paz, não é assim?... nada de novo?...

— Não é tanto como pensa: ante-hontem a crise ministerial andava na boca de todos....

— Crise ministerial !... balbuciou o homem. Constante : crise ministerial !... repetio arregalando horriavelmente os olhos vêsgos.

— É como lhe digo.

— Tambem aquelles homens !... aquelles homens !... eu bem dizia.... já era de mais ! os abusos.... as violencias.... eu bem dizia !...

— Mas....

— Mas o que?...

— A noticia não se verificou ; era um boato falso inventado pela opposição : o ministerio está mais firme do que nunca.

— Eu logo vi! bradou o Sr. Constante, mudando de tom, bem como de expressão physionomica; aquelles homens patriotas, salvadores da patria não podião abandonar-nos no momento supremo! Hei de hoje beber uma garrafa de vinho á saúde do ministerio!

— E eu outra, no dia em que cahir esse ministerio fatal!

— Como?... o senhor é inimigo do governo?...

Abri a boca, e disse tudo que me veio á cabeça: chamei ladrões e sceleratos a todos os ministros, um por um; pul-os a todos pelas ruas da amargura: disse o diabo a quatorze! O compadre *Paciencia* olhava para mim espantado, mas não dizia palavra.

O Marca de Judas deixou-me fallar sem me interromper; mas foi pouco a pouco pondo-se nas pontas dos pés, e apenas fiz ponto final, tomou a palavra.

Foi um gosto ouvi-lo.

O Sr. Constante fez brilhaturas de eloquencia, em defesa do ministerio; fallou como um deputado da maioria, que acaba de receber a promessa de um emprego rendoso para o filho, que no fim do anno deve sahir bacharel ou doutor em S. Paulo, ou Olinda; e acabando por descompôr desabridamente a todos os chefes da opposição, correu para fóra da saleta bufando encolerizado.

— Agora, espere pelas consequencias; disse-me o compadre.

— Não pude responder-lhe, porque acabava de desatar a rir como um perdido.

Eu não podia comprehender que especie de receios tinha o compadre *Paciencia*; dentro em pouco porém reconheci a armã terrivel, que tem um estalajadeiro para empregar contra seus adversarios politicos.

Chegamos á estalagem ás seis e meia horas da tarde; como disse, eu sentia uma fome desesperadora, não tinha comido nada desde o frugal e ligeiro almoço, que me déra meu

Tio, e erão já oito horas da noite, e não apparecia o promettido banquete do Sr. Constante !

De cinco em cinco minutos bradavamos pelo Marca de Judas, que sempre nos respondia com a sua phrase costumada :

— Já, n'um pulo !

Mas qual já, nem qual pulo ! O *já n'um pulo* do estalajadeiro estava no caso do *para a semana* ou mesmo no do *amanhã* de certos ministros de estado.

— Então, que lhe dizia eu ?... perguntavame de momento a momento o compadre *Paciencia*.

— Estou furioso ! respondi, e dando dous passos para o lado da porta, gritei com toda a força de meus pulmões :

— Ah, Sr. Constante ! Sr. Constante ! o jantar ou a cêa, senão rebento !...

— Já ! n'um pulo !

— Pule ! sim, pule de uma vez e com os

diabos, ainda que quebre duas costellas ; mas dê-me de jantar, ou de cear.

— Já! n'um pulo!

Tempo perdido! oito horas e meia, e nem os pratos na mesa! Oh que fome! o maldito estalajadeiro punha em horribeis tratos a minha firmeza de principios ; declaro francamente, que me arrependi de me haver mostrado opposicionista.

A experiencia estava me dando uma grande lição e explicando-me os justos fundamentos, porque certos deputados e jornalistas da opposição se mostram tão furiosos, e tanto vociferão contra os ministerios, quando os ministerios d'urão mais de um anno. Um anno de fome! é realmente muito tempo: os que são ganhadores tem razão.

Ah! foi nessas ralaçoras horas de fome, nessas horas em que o meu estomago podia mais em mim do que a minha cabeça, que dei carradas de razão aos homens, que mu-

dão de partido, alistando-se nas fileiras ministeriaes.

Emfim, victoria! ás nove horas da noite appareceu a cêa na mesa; corri para ella entusiasmado.

O banquete do Sr. Constante compunha-se de uma canja com gallinha, uma frigideira de linguiça com ovos, peixe frito, arroz e carne assada: havia ainda roscas, e vinho de Lisboa.

Lançámo-nos desesperadamente contra a gallinha e a canja: mas a gallinha estava dura, como carne secca; e a canja sabia á sal, como agua do mar.

Arrojámo-nos sobre a linguiça; mais sal ainda: era uma pilha!...

Fogo no peixe frito..., estava moído!...

Venha o arroz.... ah! era um emplastro de alhos e pimentas!...

A carne assada.... tinha fel e vinagre!...

Emfim as roscas.... cheiravão a baratas; ninguém as podia tolerar!

O vinho ao menos... era uma infusão de pão-brasil!...

Não pude comer, não pude beber, levantei-me da mesa com mais fome ainda, e rompi em invectivas contra o estalajadeiro.

O Sr. Constante resistio á pé firme a tempestade; sustentou que todos os pratos estavam primorosamente preparados, e que o vinho tinha quarenta annos de idade; escapou de dizer que já podia ser senador.

Sahi enraivecido para dar um passeio, e gozar o ar fresco da noite; passando, porém, pela estribaria, redobrou-se o meu furor: a mulla-ruça do compadre *Paciencia* mastigava páos de rama velhos e sêccos, e o ruço-queimado de meu respeitavel Tio roía as taboas da manjedora! Pobres animaes! sem ter commettido a menor falta, pagavão as opiniões politicas de seus donos!

São assim as cousas deste mundo! Quando não se pôde tirar directamente uma vingança completa e satisfactoria daquelle, que se oppõe

às nossas idéas ou projectos, trata-se de feri-lo indirectamente nas pessoas, ou em qualquer objecto que lhe pertence, ou diz respeito. É por isso que muitas vezes um chefe de policia, ou delegado, não se atrevendo a prender, a fazer qualquer violencia ao homem rico e poderoso, que não se quiz curvar aos seus *firmans*, desforra-se recrutando-lhe os afilhados e protegidos, que não têm bastante dinheiro para serem respeitados, como pessoas de gravata lavada.

Recrutando disse eu, e não disse nenhuma mentira; porque todos sabem que o recrutamento não é sómente uma caçada dos bichos-homens para alimento do exercito; mas serve principalmente para satisfação das vinganças dos potentados, e como uma sublime arma eleitoral para ser manejada pelas autoridades policiaes, ou por alguma outra autoridade, que melhor comprehenda o pensatmento do governo.

Estas reflexões faço agora, que estou es-

crevendo a sangue frio ; quando, porém, sahida estribaria, onde a mulla-ruça comia pão de rama velha, e o ruço-queimado roía as taboas da manjedoura com a sua proverbial paciencia, trazia eu tanta raiva no coração, e tanto fogo no rosto, que se alguém me puzesse a mão na boca, suffocava-me, e se me chegassem uma bráza á ponta do nariz, estourava certamente.

Entrei na sala bramando como um touro.

— Então, que diabo é isso?... perguntou-me o compadre *Paciencia*, que estava roendo as unhas.

— É o cavallo de meu Tio, e a mulla do meu compadre, que jejuão ainda mais do que nós.

— E que lhe dizia eu ?

— Mas isto é uma infamia, e uma prepotencia !

— Mude de partido, compadre ; torne-se da opinião do estalajadeiro, e verá como se

transformação as scenas : quem tem fome, e quer comer queijo, apoia e festeja aquelles que estão com a faca e o queijo na mão : isto é regra, e regra muito seguida actualmente.

— Não! exclamei eu ; não ! agora é que estou devéras na opposição ; e protesto....

— Não proteste nada.... olhe a fome.

— A fome?... pois é mesmo por causa della : a fome é a mãe do desespero ; é a fonte das mais pasmosas revoluções : quando o povo tem fome, primeiro queixa-se e lamenta-se, depois vocifera, e finalmente arroja-se, como um tigre, contra aquelles sobre quem lança a culpa da sua fome.

— Ainda bem que estamos em um tempo em que ninguem tem fome, e em que o povo compra todos os generos alimenticios por *déz réis de mel coado*.

Não pude responder á *ironia* do meu compadre, porque acabava de cahir quasi desmaiado sobre uma marquezia.

O furor e o despeito acendião-me idéas opposicionistas na cabeça : mas ah ! de que me servia, e o que podia a *cabeça*, se eu tinha os principios ministeriaes roncando-me na *barriga*?

Fiquei em silencio uns dez minutos, durante os quaes a ira, de que me achava possuido, foi pouco a pouco cedendo o posto ao abatimento : comecei a reflectir friamente.

De que me serve, pensei comigo mesmo, teimar em fazer opposição ao ministerio, quando esta infeliz teima me faz soffrer uma tão endiabrada fome?... não será muito melhor *conciliar-me* com o Sr. Constante, declarar-me francamente ministerial, e receber em troco da minha metamorphose politica algum *petisco*, que me venha beatificar o estomago?...

Está visto que a *cabeça* acabava de curvar-se diante do poder e da influencia da *barriga* : o meu raciocinio mudo não significava outra coisa.

O primeiro passo para a minha *conciliação* estava dado: a *barriga* podia já em mim muito mais do que a *cabeça*, e do que o *coração*; por consequencia, já eu me achava meio *conciliado*: só me faltava fallar, e cantar a palinodia, e para isso não me era preciso mais do que vencer um restinho de vergonha.... vergonha, sim, confesso; posto que eu pertença á escola do — *Eu* — sou por ora um miseravel *caloiro*, um mais que miseravel *futrica*, e tenho a fraqueza de ainda conservar um *restinho de vergonha*

Mas.... a fome continúa a apertar-me.... não ha remedio: dou as mãos á palmatoria; vou tratar de fazer a minha *conciliação* com o estalajadeiro:

Ninguém se lembre de accusar-me de leviano, inconsequente, inconstante e vira-folha; quem o fizer não sabe dous dedos de *politica*, e ignora as noções mais triviaes de philosophia; eu quero demonstrar estas duas proposições até á evidencia.

Que fiz eu?... cedi á influencia e ao poder da *barriga*; offereci aos olhos do mundo um novo exemplo dessas scenas triviaes e já tantas mil vezes repetidas, em que o homem se mostra atado pelas suas proprias tripas ao carro do governo. Que ha nisto que admirar?...

Um grande genio o disse: « *é o estomago quem governa o mundo*: estou, como tambem muita gente do meu conhecimento, na theoria do grande genio; entretanto entendo, que esse brilhante pensamento exprimiria um principio ainda mais verdadeiro e absoluto, se fosse modificado do seguinte modo: « *é pela barriga que melhor se governa o mundo.* »

A fome é a mais poderosa das alavancas politicas, e a *barriga* dos adversarios politicos é a *Sebastopol*, contra a qual deve um ministerio sábio e adextrado assestar toda a sua artilharia.

Poucas *barrigas* resistem a um *assedio* feito

em regra, e a um *assalto* dado opportunamente: toda a difficuldade está em descobrir-se o ponto fraco da fortaleza, e fazer-lhe ahí a *brecha*.

Supponhamos, que apparece no parlamento um orador infatigavel e sem pês na lingua, que põe todos os dias no meio da rua os abusos, e as miserias do ministerio: assedio no caso, e primeiro que tudo o mais cuidadoso reconhecimento da praça: o tal parlador é empregado publico, ou magistrado?... fogo!... a primeira bomba deve ser uma demissão ou uma remoção; resiste ainda?... outra bomba; perseguição aos parentes e amigos; continúa? .. bloqueio rigoroso, tirão-se-lhe todos os meios de ganhar dinheiro, desacreditando-o ainda mesmo a poder de calumnias, atormentando-o, desesperando-o. até que emfim chegue a hora salvadora da *fome*; e apenas ella soar, está a brecha feita; e dá-se o assalto, fazendo-se offerecimentos de um alto e rendoso em-

prego ao tagarella, e de convenientes *arranjos* para seus irmãos, primos e compadres; mas, se ainda assim repellir o assalto, então é melhor levantar o sitio; porque um demonio, teimoso como esse, é dos taes que tem a alma na cabeça e não na barriga. Só enforcado.

Note-se bem, que este é o systema mais simples e material de se dirigir a guerra; ha muitos outros systemas ainda, que todos se modificão mais ou menos, conforme o estado, e as necessidades da praça, que se quer ganhar.

Deseja, por exemplo, o ministerio abrandar as iras, ou mesmo dar côr diversa ás idéas de uma *gazeta* que o hostilisa? muito bem; examina e reconhece o estado financeiro dessa fortaleza, e depois ataca com um vigor proporcionado aos meios de defesa que tem de superar; se veio no conhecimento de que a *receita* da praça sitiada não chega para as *despezas*, lança em uma formidavel bomba

o offerecimento de um *subsídio* mysterioso , dado e recebido em segredo , o qual fará desaparecer todos os receios de um *deficit* (que é bicho muito feio !) e ajunta ao subsídio mais alguns trócos miudos para socegar a consciencia do terrivel adversario : se , pelo contrario , essa lampada da imprensa tem oleo sufficiente para conservar activa a sua luz , o ministerio trata de apaga-la , afogando a *torcida* em um excesso de azeite : em regra geral , quer n'um quer n'outro caso , a praça acaba rendendo-se á discrição !

O que , porém , é muito necessario estudar , antes de se executar qualquer dessas operações bellicas , é as sympathias e a capacidade do estomago de cada um dos adversarios , que se quer chamar á *razão*.

Ha estomagos miseraveis , que se contentão com um empregozinho de pouco mais ou menos , e que aceitão indifferentemente qualquer *petisco* que se lhes dê.

Ha outros de gosto mais apurado , que vão sempre gritando com fome , emquanto não lhes dão alguma pitaça de encher o olho ; esses não comem senão de *bijupird* para cima !...

Mas que importa isso?... Qual é o prato , por mais caro que seja , que não se encontra no hanquete ministerial?... Alli ha dé tudo ; ha guizados diplomaticos mais ou menos delicados ; ha guizados parlamentares , guizados de secretarias , de tribunaes , de magistratura ; ha , em uma palavra , guizados proprios para todos os paladares ! e quando dirige os negocios do Estado um ministerio , que segue a politica do — *Eu* — , não haja medo , que elle tenha a mesquinhez de não *dar de comer a todos os que têm fome* ; pelo contrario , essa obra de misericordia é cumprida e executada com tanta maior boa vontade , quanta é a certeza que se tem de que quem *paga o pato é o cofre da nação* !

Assim , pois , fica demonstrado , que é pela

barriga que melhor se governa o mundo; porque o governo, que soffre menos opposição, deve-se entender, que é o que melhor governa; e o governo que ataca os seus adversarios pela barriga, consegue sempre desarmar uma grande parte delles, e fica tendo contra si sómente os tolos, que são os homens honestos e de consciencia; e consequentemente merece ser tido na conta do *melhor governo*, visto que é dos que soffrem menos opposição: se isto não é a pura verdade, *dicant paduani*.

E não se presuma que a politica da barriga, ou a arma da fome tem o inconveniente de ser improficua, e nulla, quando se emprega contra homens, que se devem julgar fortes e inconquistaveis pela sua riqueza; quem assim reflectir, está no mundo da lua; a independencia de character não provém da fortuna, existe no coração: ha millionarios mais bajuladores e escravos, do que os mendigos, que esmolão pelas ruas; ha estomagos

tão insaciáveis, ha fomes tão desenfreadas como o mar, que nunca se encha, apesar do incessante tributo, que lhe trazem os rios; ha politicões, que padecem de *fome canina*, e que se parecem com as harpias, de que nos falla Virgilio.

Tambem não seria justo accusar a *politica da barriga* de baixa e ignobil; a baixeza e a ignominia está no modo por que se fazem as cousas: *todos comem palha, comtanto que lh'a saibão dar*; dizia o Marquez de Pombal (*si vera est fama*), e o dizia no momento em que estava *comendo palha*, que elle não podia rejeitar, attenta a maneira graciosa por que lh'a davão.

A politica da barriga seria realmente baixa e ignobil, se se mostrasse aos olhos do publico nua e crúa, tal qual é; mas assim como encontramos abi por esse mundo moçoilas magrinhas e finas como um caniço, e que entretanto se apresentam com uma tal roda de vestido, que não passam por um cor-

redor, senão andando de ilharga; assim também a politica da barriga, que é um esqueleto hediondo, cobre a caveira com uma mascara, enche-se de postiços, mostra-se trajando ricos vestidos, e põe ainda sobre elles, por causa das duvidas, um capote que se arrasta pelo chão, como os antigos vestidos de cauda, notando-se que o capote roçagante lhe é indispensavel para esconder-lhe o rabo, que o tem de bom tamanho, devendo-se concluir d'ahi, que é esqueleto de *mono*, ou de chim-panzés.

Assim ornada e vestida, fica encoberta a hediondez, que porventura achão alguns na *politica da barriga*, e póde ella fazer das suas, e colhêr todos os seus fructos muito honradamente, e até com apparencias de moralidade, e de amor da paz e da patria.

Quem tiver sua fome, não se envergonhe de ir vender a sua opinião, e sacrificar os seus principios a troco de um prato da mesa ministerial; porque tudo isso se explicará

convenientemente. As palavras *compra e venda* não serão por certo empregadas, e o *faminto*, que se deixou conquistar pela politica da barriga, em vez de dizer : « *desertei de minhas fileiras* ». « *bandeei-me* », « *atraiçoei minhas bandeiras* », pôde muito bem exclamar com um angelico sorriso nos labios : « *fiz uma conciliação.* »

E os *pequenos*, que têm pejo de proceder desse modo, são uns tolos, são uns pobres basbaques, porque entre os grandes ha mestres sublimes destes arranjos conciliatorios : eu pela minha parte affirmo e sustento que o *tal negocio da conciliação* não deve envergonhar a ninguem ; porquanto a conciliação é o bello *desideratum*, o fructo precioso da politica da barriga, e consiste principalmente em um estado satisfactorio e deleitoso das tripas dos *conciliados*.

Segue-se, do que acabo de dizer, que a politica da barriga é uma grande realidade, e a mais sábia, proficua, e segura de todas as

políticas ! Como , porém , todos os systemas se resentem da imperfectibilidade humana , não podia este deixar de ter o seu defeitozinho : tem-no , e vem a ser , que os heróes que mudão de partido e se prendem ao carro ministerial pelos laços das tripas , *id est* , pela influencia da fome , mostrão-se fieis e dedicados enquanto o ministerio lhes conserva as pitaças ; mas logo que sentem , que estas lhes faltão , ou que as rações diminuem , ou que outros estomagos são mais bem aquinhoados do que os seus , poem a boca no mundo , tomão ares de independencia , largão o carro no caminho e tornão a levantar furiosa gritaria : estes sujeitos assemelhão-se aos *urubús* , que persistem firmes sobre o corpo morto até que lhe devorão toda carne putrefacta , e apenas resta só o esqueleto , batem as azas , e vão procurar carniça em outra parte. Eis-ahi , pois , o unico defeito da politica da barriga : é uma cousa bem triste , que não haja bonito sem o seu sênão !

Tenho para mim que demonstrei acima de toda a evidencia a immensa influencia da barriga, no que diz respeito á politica: agora tratarei de provar, que não é menos ponderoso e sublime o papel que ella representa debaixo do ponto de vista psychologico.

Os philosophos do nosso seculo, que são sabios de meia tigela, têm em suas obras e controversias posto de lado uma questão da mais alta importancia, e que era objecto das profundas meditações dos grandes pensadores do outro tempo: é da séde da alma, que quero fallar; dizem os modernos, que a alma não podendo ser contida em um ponto particular do espaço, não deve tambem ser circumscripta em uma parte determinada do corpo. Desculpa de mãos pagadores!

Os philosophos da antiguidade e dos seculos anteriores ao nosso, pelo menos não fugião da questão, e dizião sempre alguma

cousa sobre ella ; por exemplo : Platão, Pythagoras e outros, que tinham o bom-senso de acreditar em muitas almas, admittião para cada uma dellas uma séde diferente ; a alma racionavel, como mais fidalga, devendo morar em sobrado, habitava na cabeça ; a irascivel, como mais cheia de suffocações e mais necessitada de ar, aboletava-se no peito, e a concupiscivel ou sensitiva, como mais conhecedora das realidades da vida, tinha o seu *ubi* no baixo-ventre. Aristoteles, que era um homem de phosphoros, julgando o cerebro um órgão muito frio, destinado a refrescar o coração pelos vapores que fazia nascer, encerrava neste ultimo órgão o principio de toda vida e de toda intelligencia. Descartes, *descartou-se* com asseverar, que a alma estava encarapitada na *glandula-pineal* ; outros ensaccárão-na nos *ventriculos do cerebro* ; ainda outros fechárão-na no *centro oval*, outros até forão gruda-la no *corpo calloso*, etc., etc., etc.

Quanto a mim, Platão e Pythagoras mettêrão n'um chinello a todos os philosophos do tempo presente e passado. Assim mesmo Aristoteles approximou-se um pouco da verdade, porque, como já fizemos observar, o coração fica muito perto da algibeira, e por consequência não é lá uma grande asneira collocar a séde da alma no coração.

Mas eu vou muito adiante de Platão, de Pythagoras, e de todos os seus discipulos; aquí exponho, sem mais preambulos, as minhas idéas sobre a matéria.

Não é possivel deixar de admittir almas de diversas naturezas, e com sédes tambem muito diversas. Não são sómente os homens, que as tem.

O mundo tem alma; e a séde da alma do mundo está no espaço, que vai da culatra até á boca da peça de artilharia; é o que se chama vulgarmente *alma do canhão*; um homem muito notavel do Brasil, o defunto Antonio Carlos, já tinha reconhecido esta alma, quando

ao saber da *constituente dissolvida* bateu, como dizem, sobre uma peça, e disse: « Eis-aqui a soberana do mundo! »

A divisa tem alma, a rabéca também por baixo do cavalete, a chancellia é a alma das cartas, até o cantaro tem alma, e abaixo do cantaro o *botão*, que é uma das cousas mais pequeninas que ha, não passa sem ella.

Agora, quanto aos homens, entendo que cada um delles tem muitas almas, e que o numero destas varia indefinidamente conforme os individuos; não podia ser de outro modo. Em um mesmo homem observão-se qualidades e disposições absolutamente oppostas; por exemplo: pôde haver um homem, que ao mesmó tempo seja um grande ladrão, e um fiel e dedicado amigo; ora, a ladroeira é um crime (pelo menos o diz o *codigo*, que me deu meu Tio) e a dedicação á amizade é uma virtude: mas a *alma é simples*; logo não pôde haver na mesma alma uma mistura

de vícios e de virtudes ; portanto esse homem tem pelo menos duas almas : alma de ladrão, e alma de amigo.

Isto não tem resposta em metaphysica.

Como o homem tem muitas almas , e como o mesmo lugar não pôde ser ao mesmo tempo occupado por duas entidades , segue-se que cada alma tem sua séde especial ; que pôde estar em qualquer parte do corpo.

Assim a alma da hypocrisia está espalhada por todo o rosto.

A alma da ladroeira tem a sua séde nas unhas.

A alma da adulação tem a sua séde na boca.

A alma dos ministeriaes de todos os ministerios está assentada no nariz , que é por onde sentem , quando os *gabinetes* cheirão a dentro.

A alma do servilismo se estende pelas costas , pouco mais ou menos na região so-

bre a qual se costuma pôr o selim nos cavallos.

A alma do cynismo está toda em todo corpo e toda em qualquer parte do corpo.

A alma da soberba e da vaidade, posto que pareça estar na frente, acha-se empavezada no *papo*, onde de ordinario tem um throno de pão de lorangeira.

A alma da traição está no ponto mais profundo e occulto das entranhas,

A alma da preguiça está nos braços e nas pernas.

A alma dos ganhadores-políticos está emfim na barriga; ficando um pouco mais para o interior a alma da *conciliação*, que tem a sua séde nas *tripas*.

E succede tambem ás vezes, que as almas *residem* fóra dos corpos que dirigem; por exemplo:

A alma da imprensa do governo tem ordinariamente a sua séde no thesouró publico, ou nos cofres da policia.

A alma das maiorias parlamentares está encerrada dentro das pastas dos ministros.

A alma ou solidariedade de certos ministerios está concentrada na vontade forte e absoluta de um dos ministros, representando portanto os outros membros do gabinete um papel dependente, passivo, e quasi nullo.

Já se vê, do que acabo de mencionar, que se eu quizesse enumerar todas as almas, de que me pudesse lembrar, não fazia hoje as pazes com o Marca de Judas, o que me é muito necessario.

Mas onde está a supremacia do estomago debaixo do ponto de vista psychologico?... não pensem, que me esqueci do ponto principal da questão: lá vai a prova irrecusavel da tal supremacia.

Admittindo-se, como já não é possivel deixar de admittir, que o homem tenha muitas almas, seria um absurdo pretender e sustentar, que todas ellas são iguaes, e independentes;

porque, se o fossem, tendo todas ellas suas tendencias, disposições, e naturezas diversas umas das outras, cada uma pucharia para seu lado, e dar-se-hia o caso de uma guerra entre as almas, o que seria verdadeiramente uma rusga de metter medo!

Assim, como não ha convento sem abbade ou guardião, nem parlamento sem presidente, nem loja maçonica sem veneravel, para que um dirija e contenha em seus justos limites aos outros membros, posto que todos sejam deputados, frades, ou *irmãos*; assim tambem todas as almas do homem reconhecem a uma como chefe, e directora, e a essa alma principal chamo eu *alma das almas*, e declaro e sustento, que tem a sua séde no estomago, sendo portanto o estomago quem governa a todo o resto do corpo, bem como a alma, que nelle reside, é quem dirige todas as outras almas.

A demonstração é clara, como o dia.

Pôde a cabeça andar á roda, como uma

carrapeta ; o coração bater , como o martello de um sapateiro ; os braços cahirem paralyticos , como dous galhos seccos de uma arvore ; as pernas tremerem bambas , como pedaços de canotilho , e ainda assim estar o estomago em seu estado normal , e digerir um jantar succulento em casa alheia ; ponde , porém , o estomago em abstinencia completa ahi por uns oito dias , e eu vos dou um doce , se a cabeça fizer um soneto , se o coração não palpitar abatido , se os braços não perderem as forças . e se as pernas fôrem capazes de dançar uma gavota.

Por consequencia , o estomago é quem dá os dias santos no corpo humano ; e a *alma das almas* , que tem a sua séde no estomago , é quem governa e marca o compasso a todas as outras almas.

Visto que gôsto de dizer as cousas muito claramente , concluirei com uma comparação , que tornará a minha theoria transparente como o vidro . O caso da alma do estomago

com as outras almas é muito semelhante ao que se observa com os nossos ministerios : o gabinete compõe-se de seis ministros , cada um dos quaes preside á sua repartição especial , e não tem nada que ver com as outras ; mas um dõs ministros é presidente do conselho , e como tal finalisa as repartições de todos os seus collegas , e não os deixa mover uma palhinha sem perguntar para onde ella vai ; ora , agora ninguem me pôde accusar de obscuro ; está visto que na minha theoria a *alma do estomago é o presidente do conselho*.

Demonstrei , pois , com verdadeira precisão mathematica , a influencia immensa e irresistivel que tem a barriga ou o estomago (que cá para mim é uma e a mesma cousa , digão lá o que quizerem os anatomicos) , tanto em relação á politica , comó á psychologia ; mas esta demonstração que pôde ser util aos ignorantes , não me era necessaria a mim ; primò : porque deixo provado que sei mais

philosophia do que os frades novos do convento de S. Francisco da capital do Imperio; e secundó, porque, ainda que não soubesse, o meu estomago me estava mostrando a luz da verdade, e de um modo que não admittia réplica.

Com effeito eu já não podia mais: a fome devorava-me as entranhas, como o abutre a do menino Spartano; mas eu não tive a coragem do discípulo de Lycurgo, que se deixou matar sem gemer; pelo contrario, olhei muito tristemente para o compadre *Paciencia*, e balbuciei:

— Compadre, não ha remedio: vou mudar de partido.

— Como?...

— Tenho uma fome endemoninhada, uma fome que me suspende todas as garantias da honra e da probidade.

— Eu bem o preveni; agora é tarde.

— Que tarde! declaro que vou fazer uma *conciliação*; sim, quero *conciliar-me* com o *Marca de Judas*.

— E de que modo?... e com que fim?...

— De que modo!... passando-me para o partido ministerial: com que fim!... só e positivamente com o fim de encher a barriga.

— Ah, compadre!... exclamou o terrível Paciencia; compadre! você contou-me a historia de vinte conciliações em duas palavras!...

Nesse momento entrou na saleta o Sr. Constante.

Levantei-me, fiz cara alegre, e cheguei-lhe um tamborete.

— Meu caro amigo e Sr. Constante! disse eu com voz assucarada.

O homem do poder olhou para mim com olhos desconfiados.

— Então, continuei eu: acreditou naquella petta, que lhe preguei a respeito do ministerio?...

— Qual?...

— A historia da crise.

— Pois era petã?...

— Sem duvida : se fosse verdade, ver-me-hia alegre e satisfeito?... não ha crise , que não deixe o ministerio com uma ferida aberta : as crises ministeriaes são como os ataques cerebraes , que de ordinario cedo se repetem , e acabão por matar ; ora eu , que sei disso , se tivesse havido crise , tinha posto fumo no meu chapéo.

— O senhor brinca?...

— Nada , estou fallando muito sério : sou , e serei sempre amigo e defensor do ministerio actual.

E acompanhei esta formal declaração com uma descalçadeira nos opposicionistas , que os deixei em pannos de sal e vinagre.

O Sr. Constante não poude resistir á minha eloquencia , atirou-se a mim , e abraçou-me pelo pescoço com tanta força , que quasi me afogou.

Quando nos desençamos , o Sr. Constante olhou-me com um certo ar de malicia , e deu-

me o primeiro bom dia , que me competia ,
como *conciliada* , perguntando-me :

— O senhor ha de estar com fome?...

— Ah ! se ha tanto tempo que não como !
respon-di.

— *Não poudes esperar mais* : observou o
compadre Paciencia.

— Se se pudesse arranjar alguma coisa !...
disse eu.

— Já , n'um pulo ! exclamou o Marca de
Judas , correndo para fóra da saleta.

Mas , suspendendo-se na porta , voltou-se
para nós , e perguntou , apontando para o
compadre Paciencia :

— E aquelle senhor?...

— É dos nossos , exclamei.

— Nada ; respondeu o maldito compadre ;
nada ; eu sou o que era.

— O Sr. Constante esteve meditando du-
rante alguns instantes , até que enfim disse
meio melancolico :

— Às vezes comem uns por causa dos outros.

E sahio.

— Ora pois, compadre: vai você regalar-se com uma boa cêa à minha custa!

— É verdade, e o estálajadeiro explicou isso bem claramente em suas ultimas palavras: quiz elle dizer que ha casos em que, para se contentar e *conciliar* a um, é preciso dar que comer a dous.

Não pudemos continuar a conversar, porque o Sr. Constante entrou logo seguido de um caixeiro e de um moleque trazendo-nos uma ceia appetitosa, e algumas garrafas de vinho generoso.

Ah! comemos, como dous curadores de orphãos sem consciencia! Depois do primeiro prato, que era de *lentilhas*, enchi um côpo de vinho até ás bordas, e pondo-me de pé, bradei com toda a força dos meus pulmões:

— Viva a *conciliação!*...

Emquanto ceivamos, o Sr. Constante tomou a palavra e discorreu larga e pomposamente sobre o estado lisongeiro e brilhante do paiz; fallou em paz e socego, em arrefecimento de odios, em prostração ou aniquilamento dos partidos, e finalmente em todas as cousas e ainda em outras cousas mais.

O homem estava eloquente! mas onde se mostrou superior a todo elogio, foi nas sábias e profundas considerações que fez ácerca do progresso, e dos melhoramentos materiaes: isso sim é que foi brilhatura! eu não sei onde o estalajadeiro tinha aprendido tanta palavra bonita; o certo, porém, é que, espumando pelos cantos da boca, e gesticulando com um enthusiasmo febril, não se lhe ouvia senão: *empresas gigantes, canaes, estradas de ferro, colonias - mineração, navegação a vapor*; e, quando lhe faltava alguma phrase dessas, repetia as que já tinha dito, ou exclamava com ardor: — progresso ma-

terial!... melhoramentos materiaes!.... tudo material!... tudo material!... »

O compadre Paciencia por tres ou quatro vezes depôz o talhêr sobre a mesa, e parecêra disposto a entrar na discussão; felizmente outras tantas vezes se arrependeu do que ia fazer, e continuou a ceiar, ao mesmo tempo que o Sr. Constante nos quebrava os ouvidos gritando sem cessar:

— Progreso material!.... melhoramentos materiaes!.... tudo material!.... tudo material!...

Quando nos levantámos da mesa, ainda o bco do homem bradava, dizendo a mesma cousa, e então o compadre Paciencia, dando-lhe as boas noites, e diringindo-se para o seu quarto, disse-lhe por entre os dentes:

Tem razão, Sr. Constante, é isso mesmo: tudo material!... tudo material!...

Emquanto o estalajadeiro correspondia ás boas noites do compadre Paciencia, escapei-me eu para fóra, e fui á estribaria ver

em que estado se achava o cavallo de meu Tio.

Oh ! milagre da *conciliação!*.... o *russo-queimado* tinha a mangedoura atopetada de capim fresco , e a pobre mulla-russa roía pão velho de rama!....

— Não ha duvida alguma, disse eu comigo mesmo : é pela barriga que melhor se governa o mundo !

Desde a hora feliz da minha proveitosa *conciliação* tudo me correu com vento em pôpa : foi um diluvio de boa fortuna ! tive excellente ceia , achei o russo-queimado com a mangedora farta, e até o compadre Paciencia sentira reflectir sobre o seu estomago os raios da minha brilhante regeneração politica , mas o que veio ainda coroar a obra , e o que considereei uma dita não menos apreciavel , foi o poder escapar das garras do Marca de Judas, que me estava esperando na varanda da estalagem , seguramente para maçar-me o resto da noite, fazendo-me ouvir a sua opinião sobre

o merecimento , a sabedoria , e o patriotismo do ministerio.

Apenas descobri de longe a barriga e o nariz do Sr. Constante , fiz o que deve e costuma fazer todo o *conciliado* , que já tem a barriga cheia ; aproveitando a sombra , voltei-lhe as costas , sem que fosse percebido , e dando uma volta em torno da casa , encontrei aberta uma janella , que dava para a saleta : de um salto puz-me dentro , e fui pé ante-pé recolher-me ao meu quarto.

Não tenho vergonha da acção que pratiquei : não são sómente os ladrões e os namorados , que entrão pelas janellas em vez de entrar pelas portas ; os grandes politicos da escola do — *Eu* — que , como se sabe , é a predominante na actualidade , ás vezes e sempre que é necessario aos seus interesses , pulão tambem pelas janellas para dentro do ministerio , e até mesmo se sujeitão , afim de chegar ao poleiro , a espremer-se tanto , que chegão a fazer caminho por qualquer buracinho da

rato. É por isso que eu sustento que a gymnastica é uma arte indispensavel aos estadistas : a *politica* toda se reduz a saber atacar e retirar - saltar e correr , agarrar e comer , tudo muito oppertunamente.

Chegando ao meu quarto , tratei logo de despir-me e deitar-me : a cama ; que me preparára o Marca de Judás , não era boa , nem má , era uma cama assim assim ; não me enfadei por tão pouco ; só quem já foi ministro duas ou tres vezes pelo menos , e aproveitou-se do ministerio para arranjar a vida , é que póde deitar-se todas as noites em *colxões macios*. Eu hei de chegar lá ; porque bons mestres me têm dado exemplos admiraveis , e aberto uma estrada , em que não se acha estrepe nem atoleiro ; mas por ora não sou mais do que um simples admirador dos genios transcendentés da minha terra : contento-me , pois , com os colxões do Sr. Constante.

Rolei na cama uma boa hora , sem poder dormir : querem ver , que asneira?... tinha

eu na cabeça o estribilho predilecto do Marca de Judas, e quer me voltasse para a direita, quer para a esquerda, como que o travesseiro me bradava: « *progresso material! melhoramentos materiaes!... tudo material!... tudo material!*... »

Estava me acontecendo o mesmo que ao apaixonado da musa *Terpsichore*, que de volta do theatro deita-se e não pôde conciliar o somno, porque tem incessantemente diante dos olhos as dançarinas, a quem acabou de ver executar um *passo a dous*, fazendo piruêtas, e dando pernadas capazes de pôr em uma fogueira a cabeça de um velho celibatario.

Nada podia distrahir e vencer minha imaginação exaltada: eu estava vendo o *progresso material* no escuro, e apesar de tudo: se uma pulga me dava uma ferroada, ainda assim parecia-me ouvir o Sr. Constante bradando: « *progresso material!*... » Se alguns insecto nojosos me chupavão o sangue, a despeitos

delles ouvia: « *melhoramentos materiaes!* » Se a cama jogava comigo em cima, como um andaime velho, e a ponto de fazer-me receiar o ter de acabar a noite estirado no chão, assim mesmo eu escutava a exclamação entusiastica: « *tudo material!... tudo material!...* »

Em uma palavra, tanto se foi exaltando e abrazando o meu espirito, que acabei por ficar de todo fóra de mim, e, em ultimo resultado, tive uma *visão*.

E que visão!... vi cousas de fazer arrepiar os cabellos!...

« Ah! que não sei o nojo como o conte! »

Eis aqui em poucas palavras o que vi sem mais me lembrar, de que me achava deitado na cama, que me dera o Sr. Constante, e sem que me perturbassem os roncões do compadre Paciencia, que dormia no quarto vizinho.

Pareceu-me que me achava em um lugar

tão alto, que me considerei transportado ao mundo da lua, ou pelo menos encarapitado em cima da pedra do *Corcovado*; era em fim um lugar muito alto, tão alto, como a presumpção e a vaidade daquelles que sendo ha poucos annos muito *pouca cousa*, transformáráo-se em *grandes cousas*, por graça da Constituição, de quem jurão agora fazer a desgraça.

Eu não pestanejava e meus olhos estavam immoveis e firmes, como os de um candidato, quando os embebe na *liberrima* urna eleitoral; e por diante de meus olhos foi passando vagarosamente um vasto e rico imperio, como a esphera terrestre rodando ao olhar de um estudante de geographia.

Que imperio era esse, é o que não posso assegurar; parecia-se com o Imperio do Brasil, como as duas mãos de um mesmo homem: creio que era elle, e nelle vi cousas que me deixáráo com a boca tão aberta, como fica um deputado ministerial, quando falla o

ministro, que lhe prometteu uma commenda ou um baronato para o seu compadre *totum continens* do collegio de tal.

Vi grande parte do corpo andando de pernás para o ar, d'onde concluí, que no tal imperio estava-se dando o caso do mundo ás avessas.

Vi a impudencia em pé, o servilismo de cocras, o merito atirado nos cantos.

Vi a immoralidade politica vestida de saca, e a honra coberta de farrapos.

Vi a corrupção armada de uma espada de ouro espatifando grandes bandeiras, e muitos dos defensores desta correndo pela porta a dentro de uma confeitaria, onde trocavão as insignias das suas cohortes por pedaços de pão de lot.

Vi o predominio do individualismo substituindo a luta dos principios, e ao poder das idéas.

Vi pessoas e não vi systema.

Vi a mentira e o sophisma abafando a verdade e triumphando da logica.

Vi renegados zombando dos crentes.

Vi a opulencia em um circulo limitadissimo, e a miseria na multidão.

Vi a prepotencia dos grandes e a oppressão dos pequenos.

Vi um governo representativo sem eleição : *id est*, uma pyramide suspensa no ar.

Vi uma magistratura pedinchando ao governo : *id est*, uma Astréa com espada de páo.

Vi um systema politico sem equilibrio dos poderes, que o compõem : *id est*, o universo sem a lei da attracção.

Vi uma guarda nacional tropa de linha : *id est*, Washington com uma chibata levantada sobre as costas.

Vi a liberdade do cidadão á mercê dos belignins ; *id est*, o legado de Jesus Christo exposto á vingança dos Pharisens.

Vi *direitos* escriptos em um livro d'ouro,

que se lia em voz alta ao mesmo tempo que se calcava aos pés todos esses direitos: *id est*, palavras que não adubão sôpas.

Vi a religião de Christo profanada pelos seus proprios sacerdotes: *id est*, uma cousa muito feia: que não se diz.

Vi. . . .

Mas fiquei horrorisado de tudo isso e de muito mais ainda, que fui vendo, e de que me não quero lembrar, até que por fim foi passando diante de meus olhos uma cidade irregular, porém já um pouco grande, e que sem duvida alguma é a capital do vasto imperio.

Estremeci de repente ouvindo um grito levantado por mil bocas: era a mesma exclamação do Sr. Constante:

— Progresso material!

E vi, dirigindo-se para uma praça, uma procissão immensa, e por todas as razões extraordinária.

Quem rompia a marcha era um rapagão

de maneiras muito cortezes, e que trazia sempre um doce sorriso nos labios, posto que tivesse o coração cheio de fel: o unico defeito physico, que lhe achei, foi ter os olhos meio vesgõs: chamava-se o senhor *Engodo* e caminhava adiante trazendo uma bandeira erguida, na qual se lia em caracteres brilhantes a phrase brilhante do Marca de Judas — Progresso material!

Logo atrás do Sr. *Engodo*, marchava um grande numero de raparigas todas ellas irmãs e primas umas das outras, e cada qual mais namoradeira e provocadora: chamavão-se as senhoras *Emprezas*, e cada uma trazia a sua bandeirola com a competente divisa; em uma bandeirola lia-se *Estrada de ferro*, em outra *Navegação a vapor*, em outra *Companhia de illuminação a gaz*, em outra ainda, *Colonias*, e assim por diante.

Applaudia-se muito a estas senhoras, e com razão, porque, apesar de namoradeiras e provocadoras, ellas promettião a todos favo-

res, melhoramentos, e inegavel progresso ao vasto imperio; mas succedia ao mesmo tempo uma cousa diabolica por causa dellas.

Apercebidos de que o povo estava festejando enthusiasmado as tentadoras raparigas, uns poucos de figurões de grandes fardas bordadas arrancavão das mãos do incauto povo preciosos thesouros, que elle mais zeloso devera saber guardar.

Roubavão-lhe surrateiramente um formoso menino chamado *Jury*, que bem educado e instruido promettia fazer muito, e dava grandes esperanças para o futuro.

Punhão em torturas uma linda menina irmã do *Jury* chamada *guarda nacional*, e vestindo-a de calças e botas fazião della um *soldado de linha*, e amarravão-na de pés e mãos a um certo regulamento tão brutal, como anachronico, a que em determinados casos, ficava sujeita para gloria e fama do passadissimo defunto conde de Lipe.

Ião apagando uma á uma todas as gran-

des idéas politicas e moraes , que allumiavão à nação o caminho do futuro , e aproveitando-se do escuro , em que por seu descuido ficava o povo , arrancavão-lhe dos braços uns escudos chamados *direitos* , de modo que sem o pensar tornava-se elle indefeso contra os golpes do arbitrio e da prepotencia.

E quando por acaso alguma sentinella popular mais vigilante bradava *dlerta!* e o povo mostrava querer pensar no que procuravão fazer delle ; os homens de grandes casacas bordadas improvisavão immediatamente alguma rapariga da familia das senhoras *Empresas* , que apparecia com sua bandeirola , e namorando e provocando o papalvo , conseguia enthusiasma-lo outra vez , esquecendo o brado da sua sentinella , e sacrificando toda sua grandeza e todo seu progresso moral á grandeza e ao progresso material , que aliás não é nem pôde ser incompativel com aquelles , e muito pelo contrario devem sempre marchar a par um dos outros , menos quando

se emprega traiçoeiramente o progresso material para deslumbrar o povo a ponto de perturbár-lhe tanto a *vista* que elle não possa ver a obra da aniquilação de suas conquistas moraes e politicas.

Dirigindo a procissão, pondo em ordem as figuras, e mantendo a ordem das fileiras, mostravão-se aqui e alli os taes homens das grandes fardas bordadas vestidos um pouco exquisitamente; pois que suas fardas tinham *rabos* muito compridos, dos quaes pendião, arrastados pelo chão uns livrinhos bem semelhantes áquelles, que em sua despedida me dera meu respeitavel Tio, dizendo-me, que erão a *defunta que nunca viveu*, e os seus competentes filhinhos: ora como ás vezes acontecia que os livrinhos mettião-se por entre os pés e atrapalhavão a marcha dos directores da procissão, estes, que querião andar livremente, e sem embaraços, calcavão aos pés os pobres livros, e lhes rasgavão as folhas sem cuidado nem piedade.

Acompanhando por toda a parte os homens de casaca bordada, via-se um numero espantoso de pessoas de todos os tamanhos; algumas tinham grandes barrigas, e physionomia risonha; outras estavam magras e abatidas, e levavam as mãos estendidas, como quem pedia alguma cousa; todas porém traziam de fóra linguas enormes: seguindo os brilhantes figurões, caminhavam umas arrastando-se pelo chão, como serpentes; outras de cocras e aos saltos, como sapos, e as mais gordas em pé, mas de cabeça curva e braços cruzados, como servos humildes; e toda esta sucia, emfim, entoava de quando em quando com voz anti-sonante este hymno entusiastico e patriotico:

Sublimes, potentes, heróes devotados,
Da terra os senhores sóis vós!
Emquanto seguros de cima estiverdes,
Tereis defensores constantes em nós.

Favores, emprego, dinheiro
Esperamos, senhores, de vós;
E do vosso banquete um pratinho
Venha a nós! venha a nós! venha a nós!

Emquanto esta turba-multa seguia constantemente os homens de casaca bordada, cantando o hymno do *venha a nós*, uma mocetona diligente, esperta, saltona, perfida e usuraria mettia-se por entre as senhoras *Emprezas*, festejava agora umas e desprezava outras, e logo depois corria para a multidão com os bolsos do vestido, e as mãos cheias de papeis, e gritava: *acções! acções! acções!*...

O povo agarrava-se á tal mocetona, que se chamava a *Ex^{ma} Sra. D. Agiotagem*, tomava-lhe os papeis, e dava-lhe em troco dinheiro a mais não poder; e a sujeitinha apenas vendia todos os seus papeis, tornava a correr para as senhoras *Emprezas*, e ahí maltratando áquellas, a quem ha pouco festejára, applaudia, e abraçava-se com as outras, a quem desprezára; enchia outra vez os bolços dos taes papeis, e voltava a vendê-los ao povo, que cahia, como um patinho!

No meio destas idas e voltas da *Ex^{ma} Agio-*

tagem , ouvia-se partir do seio do povo brados de desespero de muitos , que por ella se achavão logrados , enquanto um circulo privilegiado de protegidos da embusteira , repartia os lucros da negociata , que ella arranjava.

Além desta mocetona de inconcebivel mobilidade , uma outra já matronaça , vestida tão faustosa como indecendemente , percorria todo o prestito da procissão , misturava-se com os espectadores , e perdia-se até no meio da multidão , que vinha atrás , era a *Immoralidade* , conforme a ouvi chamar : assoprava aos ouvidos de todos conselhos infames , ensinava a uns a calumnia , a outros a concussão , a estes a perfidia , áquelles o cynismo , a alguns a hypoerisia , e a todos o esquecimento de todos os deveres : ella não cantava , mas bradava , e o seu brado era um , unico e sempre o mesmo :

« Ouro ! ouro !... ouro !... »

E essa mulher , cujo contacto era perigoso ,

e cujo bafo era pestifero, mas que offerecia a todos aquelles, que encontrava em sua marcha tortuosa e agitada, riqueza, luxo, fausto, e grandezas humanas, via-se festejada por muitos homens ambiciosos, a quem dava em signal de protecção um beijo fatal e desde que esse beijo estalava, os que o recebiam, escravos logo de um encanto infernal, acompanhavam a *Immoralidade*, identificavam-se com ella, e devorados por uma certa fome e sede inextinguiveis, repetiam em côro o brado sinistro :

« Ouro ! ouro ! ouro ! »

Mas não havia ouro que os fartasse ! nem dez Californias juntas com um supplemento de vinte Tury-assús teriam ouro bastante para lhes matar a fome, e saciar a sede.

Após a *Immoralidade* vinha a *Hypocrisia* com o rosto coberto com uma mascara, e a mascara coberta com um véo, marchando com a cabeça baixa, fallando com voz de

choro, e rindo-se á bandeiras despregadas dentro de si.

Depois da *Hypocrisia* seguia-se o *Escandalo*; sem mascara nem véo, manchado de crimes e de acções torpes, e com a cabeça levantada e o rosto brilhante de soberba e de ousadia: cousa célebre! muita gente da procissão fazia barretadas ao *Escandalo*, como se elle fosse um grande fidalgo!

Depois do *Escandalo* apparecia a *Corrupção* vestida de casaca e repartindo honras, empregos e dinheiro, e cercada de christãos, que punhão de repente turbantes sobre a cabeça, e que rião-se a não poder mais, quando alguma voz perdida lhes gritava: — *renegado*.

E vinhão ainda o — *Egoismo* — a *Intriga* — a *Traição* — a *Cobardia*.

E muitas outras figuras além destas, tomavão parte tambem nesta procissão, que era muito maior que todo o exercito da Russia, e todas as figuras, que marchavão

nas filas, ou que entre as filas se mostravam, alegres, descuidosas e ao som de uma orchestra de taxos, cègarregas, matracas, e instrumentos infernaes, cantavão estes versinhos, que devião saber a gaitas ao Marca de Judas!

Vai tudo o melhor possível;
Oh que fortuna tão bellá!
Navegando em mar de *Rosas*,
Nossa patria vai á véla,

Viva o dinheiro!
Fóra o ideal!
Viva o progresso
Material!...

A vida que nós passamos
É contra a *Constituição*,
Mas não faz mal é milagre
Da *santa conciliação*.

Viva o dinheiro!
Fóra o ideal!
Viva o progresso
Material!...

Isto de patria e virtude
Honra e gloria é só — *poesia*:
Poder, dinheiro *et cætera*
É que tem gosto e valia.

Viva o dinheiro!
Fóra o ideal!
Viva o progresso
Material!...

Nosso altar é a algibeira,
Nossos deoses prata e ouro,
Nossa oração — *venha a nós,*
E o nosso *Céo* o thesouro.

Viva o dinheiro!
Fóra o ideal!
Viva o progresso
Material!...

Mas logo atrás da brilhante procissão, que tão entusiasticamente saudava o progresso material, e a riqueza de alguns, vi uma multidão de gente sem conta, todo ella triste, abatida, sem direitos, sem crenças e quasi enfurecida, porque além do seu abatimento, além da sua descrença, e além da consciencia, que tinha, de que seus mais caros direitos erão todos os dias postergados, ella se mostrava ainda andrajosa, e horrorizada diante do aspecto mirrado da fome, que de perto a ameaçava.

Essa multidão olhava com fúror para as brilhantes figuras da procissão, que ia marchando adiante, levantava de quando em quando as mãos para o céu, e cantava ella tambem por sua vez; mas o seu canto era como um longo ribombar de borrasca, ou como um bramido de tigre....

Eu quiz ouvir o que ella dizia no seu tremendo canto; não entendi, porém, uma só palavra!...

Era uma bulha, um alarido dos meus peccados!

E logo depois a multidão foi-se afastando e pareceu-me, que toda aquella grande terra, que eu tinha visto se cobria de nuvens pesadas e negras, que uma tempestade horrorosa desabava sobre ella... que o susto, e o terror se apoderavão de todos os animos, que....

Ouvi rebentar um trovão espantoso....

Dei um pulo da cama assombrado....

Diabo! o trovão, que eu acabava de ouvir,

era simplesmente um ronco do meu compadre Paciencia, que dormia como um porco !

E foi-se a minha visão !

Amanhã hei de pedir ao compadre Paciencia, que me explique, e me ponha em trocos miudos esta singular extravagancia do meu espirito.



CAPITULO IV.

Como o compadre Paciencia fez-me levantar da cama ao romper do dia : despedimo-nos do Marca dé Judas, e continuámos a nossa viagem ; dou conta da visão, que tive, ao meu companheiro, que a explica, como a cara d'elle ; chegámos á uma villa (cujó nome deixo no tinteiro), onde depois de tropeçar em uns artiguinhos constitucionaes, que estavam na cadeia rolando pelo chão de envolta com os tamancos do carcereiro, subimos á casa da camara e assistimos a uma sessão de jury, que fez o compadrrre Paciencia ter occasião de dizer cobras e lagartos contra os sabios patriotas adversarios dessa instituição perigosa.



ÂO sei como serenou a exaltação do meu espirito depois daquella singular visão, de que felizmente me vierão arrancar os estrepitosos roncós do compadre Paciencia.

O certo é que dormi.

Tambem não me admiro disso ; os animos

os mais exaltados serenão ás vezes com qualquer cousa, e até com a applicação de meios contraditorios. A uns por mais furiosos e endiabradós, que estejam, basta que lhes batão com o pé, e que lhes dêem quatro gritos, ainda que seja em voz de falsete, para fazê-los tornar a razão e tomar uma attitude pacifica, ou guardar um silencio muito significativo; a outros o som argentino e metallico de umas onças, que não arranhão nem fazem mal a ninguem, accomoda perfeitamente: outros applacão-se e tornão-se de agua fervendo em agua gelada, com a simples promessa de alguma vara, que nem mesmo é vara de páo; estes abdicão até o direito de *pensar* com o aceno de uma *pensão*; aquelles suffocão as furias, e esquecem a teima, quando os levão aos empurrões; alguns até que têm excellencia de *jure* socegão completamente recebendo *mercê*.

* Segredos de organizações delicadas e nervosas! Ainda bem que a sciencia tem des-

coberto e estudado em todas as suas *nuanças* estes segredos da organização humana, e ensina os meios de se tirar proveito delles; se assim não fôra, as arengas não terião termo, nem certos ministerios conseguirião arranjá-los maioria em certos parlamentos.

Talvez digão que os taes *meios* são um pouco attentatorios da dignidade do homem; mas eu entendo que isto de dignidade pessoal é muito relativo; se ha homens que têm dignidade de homens, outros ha que têm dignidade de cavallo, dignidade de carneiro, dignidade de serpente, dignidade de hyena, dignidade de ostra, dignidade de rato, e até mesmo dignidade de lesma; não creio, pois, que os taes *meios* sejam attentatorios da dignidade de ninguem, porque quem não tem, nem nunca teve, nunca perdeu, nem pôde perder; e demais, comtanto que a cousa vá indo, ainda que seja aos empurrões, pouco importa. «Os fins justificão os meios» e o mais é péta.

A minha exaltação serenou, como já disse, com os roncoss do compadre Paciencia, e eu ferrei n'um somno tão profundo, como o do ministro que teve fama e deitou-se a dormir ! Bem se vê que não ha, nesta comparação, indirecta atirada a nenhum salvador da patria ; porque hoje em dia os ministros de estado andão tão occupados comsigo mesmos, e com os seus compadres e afilhados, que trabalhão nesse patriotico mister vinte e cinco horas por dia, não lhes restando tempo algum para dormir, e muito menos para cuidar da patria, cujos negocios, como são de todos, não são de ninguem, e portanto achão-se adiados indefinidamente até que appareção os *tolos*, que não tratão de si.

Adormeci, pois, e dormia muito socegado, e ainda estava o dia lá nas botas de judas, quando fui obrigado a despertar aos gritos do compadre Paciencia, e ás marteladas, que elle me dava na porta do quarto, como se a quizesse arrombar.

— Que é isso lá?... bradei espantado!

— São horas de viajar.

— O' compadre do diabo: não vê que ainda é noite fechada?

— As gallinhas já descêrão do poleiro, e o senhor, como homem da escola do *Eu*, deve regular todos os seus actos pelo que se passa no poleiro.

— Sim; mas eu me regulo pelo que fazem aquelles que estão no poleiro, e não pelo que praticão os que descem d'elle. Sou capaz de apostar, que o amigo Constante ainda está no primeiro somno?

— O Marca de Judas é um representante da conciliação da barriga, e póde por consequencia dormir até o *dia de juizo* sem o menor inconveniente para elle.

— E no *dia de juizo*?...

— No dia de juizo ha' de lhe ser preciso acordar mais cedo, do que nós acordamos hoje, para atirar foguetes e gyrandolas aos novos santos da festa.

— Mas eu não acho razão plausivel para

nos pôrmos a caminho a horas em que ainda não se vê a estrada.

— Compadre, o que me parêce é, que o senhor pertence a uma certa qualidade de gente, que nunca acha luz bastante para vêr o que lhe não faz conta. Dizem-me que ha repartições publicas, por cujas portas entrão e sahem escandalos vergonhosos do tamanho da arca de Noé, sem que os seus primeiros chefes tenham jámais luz sufficiente nos olhos para vê-los. Dizem-me que ha autoridades policiaes, que tem o pobre povo em uma suspensão de garantias perpetua, sem que os presidentes de provincia, e ministros de estado tenham olhos para vêr esse estado de miseria civil, esse estado de mentira constitucional, em que existe atenzada a população, para acodi-la uma vez ao menos com a bandeira da misericordia. Dizem-me....

— Basta, compadre, basta ! tenho mêdo, que o seu *dizem* fique mais comprido do que os discursos do Marca de Judas.

— Está bem, não irei adiante com o que me dizem; mas quero sempre concluir asseverando-lhe, que quem mais soffre com todas essas cataratas do governo é por um lado o povo, que padece, e por outro lado o thesouro publico, que paga as favas; e o que eu peço a Deos é, que a paciencia dure mais no coração do povo, do que o dinheiro nos cofres do thesouro.

— O compadre acordou hoje com mais meio palmo de lingua!

— Pois se não quèr que eu fallé, toca a viajar.

— Homem dos meus peccados: que necessidade temos nós de andar fazendo madrugadas por esses caminhos fôra?...

— Quem mais cedo anda, mais depressa chega.

— Nem sempre, compadre.

— Pelo menos assim deve em regra acontecer.

— Nego a pés juntos.

— E faz bem em negar a pés juntos, porque a logica dos pés anda agora muito na berra ; mas eu não me arredo do adagio antigo, e tenho dito.

— Não se deve, nem se pôde resistir á evidencia, meu caro compadre : regras, só mathematicas ; todas as outras servem sómente para fazer-nos dar cincadas, e perder no jogo ! Diz vossa mercê que quem mais cêdo anda, mais depressa chega ; e eu sou capaz de apresentar-lhe trinta mil exemplos, que contrarião a sua regra : lá vai um por todos : a independencia do Brasil, que é uma cousa que, segundo dizem, já está feita, posto que eu não o saiba com certeza....

— Nem eu ; vamos adiante....

— A independencia do Brasil, foi o fim de uma viagem politica, que se fez em 1822 ; entretanto já no seculo passado o Tira-dentes, e os seus companheiros tinhão-se posto a caminho, para fazer a mesma viagem : e o que

aconteceu?... o Tira-dentes, que andára mais, cêdo, ficou enforcado na estrada !

O compadrê Paciencia fez uma careta, que eu julguei dever tomar por um signal de respeito á minha logica. Animei-me com esta primeira victoria e prosegui :

— O mais seguro é esperar sempre que o sol esteja fóra para se viajar sem correr o risco de dar topadas no caminho, e até mesmo porque viajando-se em claro dia o caminhante pôde colher os fructos, que penderem dos ramos das arveres, que bordarem a estrada. Compadre, Talleyrand, que foi o maior homem 'da sua época, e o mais feliz dos viajantes politicos, nunca teve pressa na sua vida, nem jámais se lembrou de acordar cêdo para viajar, pelo contrario tinha por principio nunca fazer em um dia o que poderia fazer no seguinte : note, que Talleyrand foi chamado o principe de *Benevento*, porque elle sempre esperava, que lhe soprasse *bom vento* para transportar o seu barquinho de um porto para outro.

— E, por fim de contas, sempre velhacaria no caso !...

— Isto não é velhacaria, é prudencia, ou habilidade politica. Supponhamos, que eu sou ministro de estado, e que amo a minha pasta sobre todas as cousas....

— Admitto a hypothese, e tanto mais que paixões romanticas, como essa que suppõe, andão na ultima moda. Continúe.

— Bem : supponhamos que eu sou ministro, ou mesmo que eu sou um ministerio inteiro....

— Tambem admitto esta segunda hypothese ; porque ha ministerios, em que um ministro é o *tudo* e os outros *nada* são: é um *tudo e nada*, no governo do Estado.

— Muito bem, sou eu pois um ministerio inteiro, e vejo que ha um partido, que quer fazer uma viagem de um principio velho para um principio novo, isto é, que préga e sustenta uma ou algumas reformas ; ao mesmo tempo que outro partido por conveniencias

pessoas, por medo, ou por convicção, se oppõe a essa viagem politica : que devo eu fazer ?...

— Pôr-se á frente dos viajantes, se julga a *cousa* conveniente ao Estado ; ou francamente contraria-los, e impedir a viagem, se a acredita perigosa ou má.

— Asneira, compadre ! se eu *andar cêdo*, e a viagem burlar-se, adeos pastas ! se eu me oppuzer francamente á viagem politica, e ella ainda assim realizar-se, adeos poleiro !

— E então ?... nem peixe, nem carne : não é assim ?...

— Melhor ainda : peixe e carne ao mesmo tempo : fico de espreita e sem móver-me : digo aos homens do progresso, ou da viagem : « andem lá, que quero vêr, se a estrada é boa : » e se elles andarem, e a *cousa* fôr para adiante, espero um dia, em que nem chova, nem haja sol muito quente, e soltando as rédeas ao meu bucéphalo, apanho

os viajantes no caminho, ponho-me na frente delles, chego antes de todos, tendo sahido mais tarde, torno-me — *heróe* —, e fico sempre abraçado com a minha querida *pasta*, que é um anjo cheio de feitiços e de encantos!

— E se a rapaziada viajante mandar, que fique na retaguarda, o espectador politico que vai tão tarde ajuntar-se a ella?

— Em tal caso volta-se as rédeas ao cavallo, suspendem-se as garantias, e manda-se trancafiar a reforma na cadeia, em nome da ordem publica; mas nunca se faz preciso tanto... a familia dos tolos é tão fecunda, que os velhacos tem sempre um mundo cheio de gente para enganar, e desfructar.

— Isso é verdade, e tão verdade, que o senhor teve a habilidade de me ir entretendo com as suas extravagantes idéas até que se abriu o sol, e é dia claro!...

— Ainda bem! agora tomemos uma chicara de café com o Marca de Judas, e ponhamo-nos ao fresco.

Sahimos para a varanda da estalagem, e ali encontrámos o amigo Constante, que, como se adivinhasse o meu pensamento, nos esperava com algumas chicharas de café e um prato de beijús.

Em quanto davamos aquelle excellente *bom dia* aos nossos estomagos, o Marca de Judas pronunciou um novo discurso sobre o progresso material: é verdade que disse a mesma cousa, que já umas poucas de vezes nos tinha repetido na noite da vespera; mas ainda nisso o bom do estalajadeiro provou que era um verdadeiro parlamentar, e que podia ser um deputado ministerial do *trinque*.

Da varanda da estalagem passámos á estrebaria: a mulla ruça comia palha sêcca, e o ruço *queimado* devorava uma pingue ração de milho: a minha conciliação tinha chegado até o meu cavallo...

O cavallo conciliado comia *milho*; estava em regra!

Chegou emfim o momento da despedida.

O amigo Constante fez uma cortezia muito desenxabida ao compadre Paciencia, e cõrrendo a mim, deu-me tres meios abraços; forão meios e não teiros, porque a barriga lh'o impedio: tambem escapei de um beijo, graças ao seu famoso nariz.

Mas não escapei da conta da despeza: o Marca de Judas enterrou os dedos nos meus seiscentos mil réis sem attenção nem piedade!

Não tenho remedio senão confessar uma cousa, e aqui vai ella: os taes politicos da barriga, quando se trata de dinheiro, não fazem cerimonia nenhuma, e lambem, se podem, até o ultimo vintem, que vêem!...

Tive vontade de vingar-me do Marca de Judas, soltando um viva á opposição; não o fiz com vergonha do compadre Paciencia, que ria-se á bandeiras despregadas da catastrophe financeira, com que terminára a comedia da minha *conciliação*!

Começamos a viajar: no primeiro quarto

de hora guardamos um tão obstinado silencio, que poderíamos parecer duas estatuas a cavallo : não sei porque o compadre Paciência estava, contra o seu costume, tão pouco disposto a tirar a ferrugem da lingua : quanto a mim, levei todo o quarto de hora a pensar no desvergonhamento com que o Marca de Judas tinha roubado, com tanto escandalo, a um seu alliado politico.

O cavallo de meu Tio e a mulla ruça do meu compadre ião marchando par á par no seu passo inalteravel e constante : são dous animaes conservadores, na extensão da palavra, e não admittem mudança, nem reforma no seu andar : a unica differença que nelles observei nessa manhã foi, que a mulla ruça caminhava de pescoço estendido para diante, e sem fazer o menor movimento com a cabeça, em quanto o ruço-queimado voltava de vez em quando o focinho para trás, como se sentisse saudades da estalagem do Sr. Constante : a razão disso era clara : uma

tinha tido por cêa e almoço palha sêcca e as taboas da mangedoura, ao mesmo tempo que o outro comêra toda a noite capim fresco, e de manhã devorára uma ração *conciliatoria de milho*; ora, como o *ruço-queimado*, á semelhança dos bons bebedores, que em quanto achão boa pinga não mudão de venda, estimaria ter-se deixado ficar na estrebaria do Marca de Judas, explicava-se sem difficuldade aquelle impulso de gratidão que lhe fazia voltar o focinho para trás.

Era ao menos um quadrupedé sensível e agradecido, e assim como assim tinha um focinho que valia o dobro do coração daquelles homens, que se esquecem dos obsequios que recebem e fingem desconhecer os bemfeitores, quando não precisão mais delles: honra pois seja feita ao focinho do *cavallô do meu Tio!*

Mas no fim do quarto de hora de viagem ou porque me incommodasse aquelle teimoso

silencio, ou porque me quizesse distrahir e arrancar da triste lembrança do desencanto final da minha conciliação com o maldito estalajadeiro, abri a boca e disse:

— Compadre, é contra a^a minha natureza estar tanto tempo calado.

— Já se vê que a sua natureza ha de lhe obrigar a dizer muita asneira.

— Seja assim; mas agora vou lhe dizer alguma cousa, que não será asneira.

— Ninguém pôde ser juiz em causa propria, meu caro: ha homens que se *despachão* a si proprios, quando tem nas mãos as chaves dos despachos, o que é na verdade ser juiz de si mesmo; isso porém não deve servir de regra, por mais que seja moda do tempo.

— Compadre, quero lhe contar um caso, que me aconteceu esta noite.

— Então que foi?

— Tive uma *visão*, compadre!

— Uma *visão*?!!!

— É verdade; e desejo que me ponha em trocos miudos a extravagante embrulhada que sonhei acordado.

— Homem, cada um no seu officio: não se encommendão botas aos alfaiates; explicações de embrulhadas, quem melhor lh'as poderia dar era uma certa rodinha de *salvadores da patria*, que têm embrulhado por tal maneira os negocios do Estado, que é uma verdadeira difficuldade achar quem venha depois delles desembaraçar a maranha politica; mas, emfim, conte lá a historia da sua *visão* ainda que seja sómente para fazer com que a viagem nos pareça mais curta.

Larguei as rédeas sobre o pescoço do *ruço-queimado*, e comecei a minha narração, descrevendo a singular procissão, que eu tinha visto, com todos os *ff* e *rr*; á medida que eu ia fallando o compadre Paciencia arregalava os olhos e deixava cahir o queixo, de modo que quando fiz ponto final, já elle tinha o queixo tão cahido que não

lhe foi preciso abrir a boca para responder-me; tomou pois a palavra, e principiou por este teor e fórma a dizer cobras e lagartos.

— Pois é a isso que chama embrulhada? oh! senhor! a sua visão é o quadro fiel da actualidade; e em vez de considera-la um sonho extravagante e atrapalhado, considere-a, pelo contrario, uma verdade simplicissima, evidentissima, que está entrando pelos olhos de todos.

— E que ainda não entrou pelos meus!

— Porque não ha peor cego, do que aquelle que não quer vêr: pergunte aos ministros de estado se enxergão os abusos, os despotismos e as atrocidades que praticão os agentes do poder?... aquellas alminhas innocentes vêem sempre toda a sua familia official e policial andando cuidadosa e passo á passo pelo caminho da lei, quando o paiz inteiro brada, que muitos membros della desencabrestão pelas charuecas e pelos es-

pinhaes do arbitrio, jogão e escouceão como burros bravos,* e atolão-se até as orelhas nos lamarões da corrupção.

— Deixe-se de ministros, e da familia official e policial, compadre; ã vamos ao meu caso.

— Essa é boa! pois se o seu caso diz respeito muito de perto aos ministros e aos seus agentes: como quer que eu me deixe delles?

— Mas explique-me antes de tudo a visão que tive, e depois falle, ralhe e malhe quanto quizer.

— A cousa está tão clara, que não precisa explicações; mas, emfim, lá vai tudo em duas palavras: a sua visão quer dizer que é ephemero, falso e insubsistente todo o progresso material que não se demonstra á par do progresso moral do povo; quer dizer, que nas épocas desastrosas, em que se faz da corrupção um systema politico, ou um meio de governo, os homens do *Eu*,

que se achão de cima, declaram-se amigos e patronos dos interesses materiaes, prégão a sua excellencia sobre todas as questões de principios ; porque sabem que o materialismo politico mata o espirito publico , que é a alma dos povos livres, e a enxada que abre a cova dos ministerios corruptos.

— Compadre, a sua explicação está ainda mais embrulhada do que a minha visão ! Eu fallo-lhe em alhos e o senhor responde-me com bugalhos ! eu trato de progresso material, e o senhor atordôa-me os ouvidos com essa frioleira de progresso moral do povo !... O que tem o governo com a moral do povo?... a moral pertence á alma, e por consequencia os padres que se avenhão com ella ; o governo do Estado não tem nada que vêr com isso ; governa-se sem moral, compadre, e...

— Ha exemplos disso, é verdade ; mas cá na minha lingua, um governo sem moral chama-se desgoverno,—*verbi gratia*...

— Alto, a sua *verbi gratia* vêm com geito de faca de ponta; e eu não sou homem que consinta que á minha vista se offenda os meus amigos politicos. Vamos á questão.

O compadre Paciencia prosegue então dizendo :

— Eu tambem estimo, louvo e quero o progresso material: que alma damnada haverá ahi, que não almeje vêr o nosso paiz bordado de bellas estradas, cortado de extensos canaes, com suas mais longinquas províncias ligadas e approximadas pelo encanto das vias férreas, com os seus mares e os seus rios sulcados por dez mil ou por cem mil vapores, com os seus desertos povoados de colonias, com as suas riquezas mineraes aproveitadas, com todas as suas cidades, villas e aldêas illuminadas a gaz?... quem não desejará calçadas em todas as ruas, aterros em todos os pantanos, pontes em todos os rios?...

— Por consequencia, tem razão o Marca de Judas: viva o progresso material!...

— Viva, sim, não ha duvida nenhuma, senhor compadre; mas viva tambem e indispensavelmente outra cousa...

— O que mais?...

— Viva o progresso moral e politico!

— Isso é birra de revolucionario!

— Não; é porque sem elles todo o progresso material, ou é uma mentira, ou uma illusão, ou dá com a nação em vasa-barris, e emfim não presta para nada.

— Pêtas, meu caro: a unica realidade desta vida é a riqueza: quem tem dinheiro, tem tudo: um povo rico é sempre um povo feliz!

— Sublime principio! é um principio ensinado na escola, de que é mestre o diabo; ensaiemo-lo porém na pratica, e tomemos para exemplo um homem. Faça de conta, que tem diante de seus olhos um homem que tenha amontoado riquezas fa-

bulosas, que possua milhares de milhões em seus cofres, que seja senhor de cem palacios maiores do que o do imperador da China, e do Dairi do Japão; que veja ao seu aceno moverem-se vinte mil escravos: eis por consequencia um homem verdadeiramente feliz!

— Quem me dêra! ficava eu sendo logo bonito, engraçado, sabio e benemerito da patria!

— Espere, que ainda não acabei. Faça agora tambem de conta, que esse homem é desmoralisado e corrupto; que vive a vida da devassidão e da crápula, e que naturalmente em resultado dessa vida de vicios, e de vergonhosos excessos, estragou a saude, e reunio em seu corpo um composto de todas as enfermidades: ei-lo curtindo dôres desde a manhã até á noite: ei-lo paralytico, tísico, coberto de ulçeras, sem poder engolfar-se nos banquetes, nas orgias, na devassidão, como d'antes, e vendo cada dia abrir-se

a sepultura, que o deve tragar: que diz a isto, compadre?..

— Digo que arranjou um quadro lugubre!

— Pois, é este o retrato de um povo rico, mas desmoralizado.

— Nego a consequencia: se o argumento procede a respeito de um homem, póde não proceder a respeito do povo.

— Oh! pois não! cheguem todos os nossos melhoramentos materiaes ao seu maior desenvolvimento, tudo isso será vão, e chimerico, se a moralidade publica não fôr regenerada, e se a verdade do systema representativo não fôr restaurada: sabe o que ha de acontecer?... por um lado, á medida que augmentar a riqueza publica, augmentará tambem a fome dos parasitas do Estado, e se multiplicará o numero das sanguessugas da nação: a prevaricação mostrará sempre o fundo do thesouro publico; a riqueza será o privilegio exclusivo de cem espertalhões,

ao mesmo tempo que a miseria cobrirá de andrajos a milhares de innocentes : o exemplo dos crimes impunes centuplicará a phalange dos criminosos, e o veneno que corromper a coracão do Estado, cahirá um dia no seio das familias, e a desmoralisação tocará o seu auge : e por outro lado o systema representativo, que, graças a Deos nos foi dado, arrancado de seus eixos, não podendo fazer o bem, que devia, e podia, transtornado, sophismado, convertido em uma cousa, que ninguem entenderá, servindo de base ao poder olygar-chico de um circulo egoista, desacreditar-se-ha na opinião do povo, que não raciocina, e que lançará sobre o systema as culpas dos desorganisadores do systema : o cahos politico substituirá a ordem, a descrença myrrará o coração do povo, que não tendo mais nem fé, nem esperanza, acabará tambem por não ter caridade, passará da descrença ao desespero, e depois...

— Acabe...

— Compadre, do desespero do povo à uma revolução ha só um passo a dar, e desde que o volcão revolucionario proromper os melhoramentos materiaes, as fontes da riqueza publica, as verdades, e as mentiras, os bons e os mãos, tudo emfim ficará á mercê de Deos. Oh! sim!... não basta o progresso material; é preciso tambem progresso moral e politico; é preciso sobre tudo que se moralise o povo, e para isso é essencial que se moralise a si proprio o governo em primeiro lugar.

— *Dificilem rem postulasti!* o nosso governo é essencialmente governo das *maiorias*: e como quer o compadre que os ministerios se moralisem, se lhes é necessaria a desmoralisação para arranjar *maiorias*?...

— Patriotismo, honra, e boa vontade sobraõ para levar ao cabo essa obra: dizia-se que a cessação do *trafego* de africanos era um impossivel, e quando o governo... quiz (sou Brasileiro: devo dizer, que o governo

quiz) o trafego acabou: diz-se, que o patronato é invencível entre nós, e viámos no fim de 1854 e no principio do anno de 1855 bater-se com a porta na cara do patronato, nos exames de instrucção publica da capital do Imperio. Nada é impossivel debaixo deste ponto de vista a um governo patriótico e honesto: quando o governo entender que as *maiorias* devem ser formadas pela opinião, e pela consciencia, e devem ter por laço a homogeneidade de principios, os ganhadores politicos serão mandados plantar batatas, os homens de bem se farão poderosas columnas do governo, e metade da obra da regeneração da moralidade publica estará feita.

— Bravo! tem pregado, como um frade velho! mas creia, que os peixinhos não caem na isca: as suas theorias servem muito bem para a familia dos Socrates; mas a familia do *Eu* não entende pitada da sua geringonça.

O compadre Paciencia já não me escutava; e continuou entusiasmado:

— Quando o progresso material de um paiz não se mostra á par do progresso moral do povo, não exprime senão uma prosperidade ficticia. Riqueza material cobrindo miseria moral, é o mesmo que uma arvore, que apresentasse a casca verde, e que tivesse o miôlo pôdre: é a alegria da embriaguez durante dez ou vinte annos, para ser logo depois seguida de seculos inteiros de humilhação e de vergonha. Quando o progresso material de uma nação apparece em sua marcha de braço dado com o progresso moral, isto é, quando a riqueza se desenvolve, e ao mesmo tempo se aprimora a virtude, e se purificão os costumes, então ha verdadeiro progresso, ha o progresso de Deos; mas se pelo contrario sómente se dá importancia ao dinheiro, e aos melhoramentos materiaes; quando nesse caso, o que se divinisa é só a materia, e se vai deixando

corromper cada vez mais os costumes, estragar de todo a moralidade publica, e cahir em desprezo a religião, as instituições politicas, e as grandes inspiirações do amor da patria, da liberdade, da gloria, e de tudo quanto é nobre, grande e generoso; oh! então não ha senão um progresso falso, perfido, e fatal; não ha senão o progresso do diabo, que é o que nos querem dar.

— Já acabou com os seus *quando?*..

— Ainda não: lá vai mais um, que ha de levar agua no bico: e quando ao contemplar a minha patria, á par de tanta coisa boa, no que diz respeito ao *material*, eu sinto as tendencias, que mostram alguns figurões para arrancar ao povo as conquistas gloriosas do sete de Setembro, e do vinte e cinco de Março; e vejo que a Constituição do Imperio nos garante a imprensa livre, e sinto que nos querem amarrar a imprensa ás *varas dos juizes de direito*: e vejo que a Constituição do Imperio nos garante o — jury, — e

sinto que pela surrelfa nos querem surripiar o *jury*; e vejo que se tem feito da eleição uma pêta, da harmonia dos poderes do Estado outra pêta, da inviolabilidade do asylo do cidadão outra pêta, da municipalidade outra pêta, da guarda nacional outra pêta, da liberdade individual outra pêta, e do systema representativo, falseado, como está, uma grande pêta, que resume todas as outras pêtas; ponho-me de orelha em pé, compadre, e digo cá comigo: ai! que este progresso material, que hoje tanto se preconisa, traz dente de coelho, e é preciso cuidado com elle!..

— Mas que diabo tem uma cousa com outra, meu caro Paciencia?...

— É que os maganões que aspirão á eternidade do poleiro, estão, segundo penso, nos atirando terra nos olhos: ajunte a tudo isso, que acabo de dizer, a corrupção, que lavra por toda a parte, a corrupção, erigida em systema, a corrupção tão forte, tão po-

derosa, que até já invadio os dominios da grammatica, e vai desnaturando por sua conta e risco as palavras, como succedeu á pobre e doce palavrinha — *conciliação* —, que, ao contrario do que era d'antes, transformou-se actualmente em uma *palavrada*, que faz subir o sangue ao rosto da gente honesta: sim! ajunte a tudo isso a corrupção com que se envenena o sangue, e se estraga o coração do povo; e diga-me cá, se o *progresso material*, em que tanto se falla, é ou não é tambem uma famosa dóse de opio politico, com que os homens da tal escola do *Eu* pretendem fazer dormir o povo para com menos perigo allivia-lo do *peso de algumas de suas instituições*, sem receio de vê-lo abrir a boca, e pôr-se a gritar—« ha quem d'El-Rei! » — o que na verdade seria muito desagradavel, porque *si le roi le saurait!*...

— Brilhantemente, compadre!... morra portanto o *progresso material!*

— Isto lá é consequencia de cabo de esquadra: abirão-se as azas ao progresso material; mas trate-se tambem de regenerar a moralidade publica, que anda ahí pelas ruas da amargura: restabeleça-se o systema representativo, que está fóra dos seus eixos; tornem-se reaes e effectivas as garantias do povo, não se atropelem seus direitos nem se faça guerra crua ás suas sagradas instituições, e verão os prodigios e milagres, que opéra a nossa sabia Constituição, a quem o Sr. D. Pedro I encheu de tantos encantos e belleza, e contra quem pela surdina forjão planos de ruina e morte alguns ingratos, que ella elevou e distinguio, e que a não ser ella, em vez de andarem, como andão, em carros magnificos, fazendo brilhaturas e espalhafato na cidade, talvez andassem como eu de Herodes para Pilatos, montados em alguma *mulla russa* semelhante á minha.

O compadre Paciencia fez ponto final, e eu, perdendo a esperança, de ver por elle

explicada a minha singular visão, entendi que lhe não devia dar mais corda; esquecerei pois a minha visão, e o progresso material ficará sendo um sonho, e nada mais! Estou arrependido depois que não me dirigi ao Marca de Judas para dar-me a explicação desejada: o meu compadre é um tolo, e o Sr. Constante um genuino representante da politica que domina, e das idéas que governão; elle portanto poderia me pôr ao facto dos segredos de abelha do progresso material.

Este meu compadre improvisado é um pobre homem, que tem a cabeça cheia de têas de aranha, e agora deu-lhe a mania para andar proclamando, que a corrupção dos povos nasce de cima, e que o nosso povo vai se desmoralizando cada vez mais por culpa do governo, que dá os mais fortes exemplos de desmoralisação, infringindo e postergando todos os dias a Constituição e as leis do Imperio.

Não se diz maior asneira!... eu até nunca

Vi governo que consagrasse mais religioso acatamento á tal importuna *defunta*; e a essas trapalhadas politicas, a que se chama — *leis*.

Quando os inimigos da ordem publica tratando de hostilisar o nosso paternal governo, esquecem as *declamações*, em que são grandes, e descem aos factos, espichão-se tão completamente, como o cavallo de meu tio no atoleiro da *barreira*! Ora vejamos alguma cousa, do que elles dizem.

Primeiro: o governo não pôde despender os dinheiros do Estado, senão conforme as disposições do *orçamento da despesa* e entretanto alimenta as lampadas da imprensa ministerial com o azeite dos cofres do thesouro, sem haver *verba* marcada para a *conciliação* dos jornaes politicos. Resposta sem réplica: o *orçamento* marca uma quantia para se gastar com a repressão do trafego; ora o trafego de africanos não se combate só com a força, mas tambem com

o raciocinio ; logo póde o governo dar dinheiro ás mãos cheias aos seus publicistas, a fim de anima-los a combater o trafego : agora se os taes publicistas não se occupão disso, a culpa não é do governo, que foi dirigido pelas mais *santas intenções*.

— Mas hoje já se ostenta á face do parlamento essas despezas illegaes, feitas com a imprensa !

— Qual !... isso havia de ser brincadeira, ou lapso de lingua : a lingua é o diabo ! não fallemos nella : vamos adiante. .

Segundo : *a lei é igual para todos*, e entretanto o governo açula com a impunidade, e até com *honras*, que confere, a ricos potentados eleitoraes, que atropelão, trucidão e sacrificão os *pobres*, de quem julgão dever irar vinganças ás vezes sanguinolentas. Resposta sem réplica : o artigo da defunta, que diz, que *a lei é igual para todos*, acaba dizendo, que *recompensará em proporção os merecimentos de cada um*, e por tanto o

governo está na letra da Constituição recompensando com a impunidade o merecimento da riqueza e da influencia eleitoral.

— Mas os pobres...

— Quem é pobre não tem *mandinga*.

Vamos adiante.

Terceiro : a Constituição diz que « nenhum cidadão pôde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude da lei » : e entretanto o empregado publico é obrigado a votar nas eleições com o governo, sob pena de uma demissão ; o juiz de direito a cabalar a favor do governo, sob pena de uma remoção ; e o guarda nacional a ser portador de uma lista do governo, sob pena de ser destacado, recrutado, e posto fóra da lei. Resposta sem réplica : 1ª; o governo ainda não deu por causa de nenhuma demissão, ou remoção o emperreamento e a desobediencia do empregado publico ou juiz de direito, que não querem votar com elle ; nem as autoridades subalternas confessarão

jámais que. destacão, recrutão ou poem fóra da lei aos guardas nacionaes pelo facto de votarem livremente : 2ª, em tempos de eleições suspendem-se as garantias da honra, da probidade, e tambem a Constituição.

— Mas isso é desmoralizador, é indigno...

— E como tudo é uma verdade muito verdadeira. Vamos ádiante.

Quarto: a Constituição diz que «ninguem poderá ser prêso sem culpa formada, excepto nos casos declarados na lei, e nestes dentro de 24 horas contadas da entrada na prisão o juiz, por uma nota por elle assignada, fará constar ao réo o motivo da prisão etc.» ; e entretanto a policia, que é hoje a alma do governo, prende a quem quer, e deixa jazer a quem quer nas prisões por oito, dez, vinte, e mais dias, a pretexto de *averiguações*, e depois solta a victima, sem lhe dar satisfação. Resposta sem réplica : a policia quando manda para a cadêa um cidadão, e lá o conserva de môlho o tempo, que lhe parece,

não prende, recolhe simplesmente á prisão, o que é muito differente, e por consequencia está na terra da Constituição; e viva a policia !...

— Mas a policia é entre nós o despotismo vivo...

— E é por isso mesmo que ella é hoje a alma do governo. Vamos adiante.

Quinto : a Constituição diz, que « todo cidadão pôde ser admittido aos cargos publicos, civis ou militares, sem outra differença, que não seja dos seus talentos e virtudes »; entretanto o governo despreza mil vezes os talentos e as virtudes para attender sómente á differença marcada pelo patronato e espirito de afilhadagem. Resposta sem réplica: virtudes e talentos são cousas muito relativas, e o que não é talento nem virtude para uns, pôde sê-lo para outros; não portanto motivo justo para se fazer bulha, haverem ministros, que considerem o *servilismo* uma virtude, e uma carta de recom-

mendação ou um empenho de compadre, uma prova de talento arromba-paredes.

— Mas assim o verdadeiro talento, e a verdadeira virtude são desprezados...

— Pois que o talento se resolva a dizer *amen* a tudo, e a virtude, que anda tão *por baixo*, não se atreva a dar *mdos exemplos* que offendem o vicio, que está *de cima*. Vamos adiante.

Sexto: diz a Constituição, que « os poderes constitucionaes não podem suspender a Constituição no que diz respeito aos direitos individuaes, salvo em certos casos extraordinarios, que são especificados »; e entretanto não só os ministros de estado e a policia na cidade, mas ainda qualquer subdelegado da roça trazem em perpetua suspensão certos direitos individuaes dos cidadãos brasileiros. Resposta sem réplica: pêtas da vida!

— Mas os factos...

— Qual *mas*, nem factos! vivemos todos

no seio de Israel: e paremos ahí no *sexto*, mesmo porque a tal senhora Constituição deve ser atirada em um *cesto velho*, como cousa, que já não presta para nada, ou como um livro cheio de asneiras, e de impiedades, que cahio em desuso, e foi comido *pelos bixos*.

Assim, pois, ficou provado, que não ha governo que execute as leis mais á risca, do que o nosso. Eu até não comprehendo, que haja quem ponha em duvida o respeito religioso, que o nosso governo consagra aos direitos do povo; porque a *defunta* estabelece no seu art. 179, que a *inviolabilidade dos direitos civis e politicos dos cidadãos brasileiros tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade*; e o nosso governo tem tal zêlo pela *liberdade*, que é o primeiro a dar o exemplo *della*, não fazendo caso das leis, que são péas e, pondo e dispondo de tudo muito *livremente*, a despeito dos limites marcados ao seu poder: desvela-

se tanto pela *segurança individual*, que tem até uma policia, que conserva os cidadãos na cadêa sem culpa formada para *segurar os individuos* mais completamente, e emfim venera tanto a *propriedade*, que mesmo a seus olhos o thesouro publico tem contribuido, não poucas vezes, para o engrandecimento e fabulosa prosperidade de muitas *propriedades*.

E querem um governo ainda mais constitucional?... isto só páo.

Quem tem culpa dos ralhos e da algazarra dos revolucionarios é mesmo o governo dos meus amigos, porque tolera que no paiz ainda se falle, e, embora só em nome, ainda tambem exista a maldita *Constituição*: em minha opinião desde muito tempo, que eu tinha mandado á *favas* as camaras, e dado de presente a algum fogueteiro fazedor de bombas todas as colleccões das leis do Imperio; desde muito tempo que eu tinha proclamado clara e francamente o absolutismo (bem entendido, o absolutismo dos ministros);

mas dizem os meus amigos, que é melhor um absolutismo encapotado, do que um absolutismo nú e crú e que sem o proclamar, como eu o quizera, clara e francamente, vão elles sophismando e calcando aos pés a Constituição e todas as leis, e fazendo tudo, quanto poderião fazer em um governo despotico e arbitrario, como o da Turquia ou o da Russia. E o mais é que eu devo ceder á razão; porque os taes meus amigos são mestracos passados por India e Mina, e tem-se arranjado ás mil maravilhas com o systema, que seguem, e empregão.

E pensando bem na nossa *geringonça* politica, é preciso confessar que para termos a gloria de viver debaixo de um governo absoluto, só falta dar o nome de absoluto ao nosso governo. O que ha de mais absoluto, e omnipotente do que a vontade dos nossos ministros?... Em que época foi, que a sorte dos cidadãos brasileiros esteve mais do que hoje á mercê das vinganças, e dos caprichos dos agentes do poder?

A policia não trancafia na cadêa, quando isso lhe appeteece um ou dez, ou vinte, e mais venturosos subditos deste Imperio constitucional?... não os conserva presos, sem formar-lhes culpa, dias, semanas, mezes, e ao solta-los, quando elles tem o desaforo de perguntar pelos motivos de sua prisão, não os *manda bugiar*, e a cousa não fica nisso?...

Um coronel de legião da guarda nacional, que está á janella, de barrete na cabeça, de capote nos hombros, de charuto na boca, acreditando-se talvez com a sua patente impressa na ponta do nariz, não manda atirar com os ossos em uma prisão ao official da mesma guarda nacional, que vestido á paisana passa por defronte de sua casa, e não lhe faz a continencia militar?... e quando o *malvado* official se queixa ao ministro de estado, o excellentissimo pai da patria não lhe responde : « é bem feito, sô bregeiro ! oito dias de prisão não bastavão ; ainda foi

ponco; e se para outra vez se esquecer da continencia... olhe a chibata! »...

A policia em um dia de eleição não dá a voz de *fogo!* contra o povo, que quer *votar!*... a voz terrivel não é obedecida, e as balas não acertão nos principaes adversarios da politica do governo?... não succumbem victimas, e o crime da policia não fica impune sendo pelo contrario perseguidos os amigos dos assassinados?...

Os deputados da nação, que devem fiscalisar os actos dos ministros, não andão em grande numero agarradinhos ás abas das casacas bordadas dos mesmos ministros, como se fossem mariscos apegados ao costado de tubarões, ou como rabo-levas de suas excellencias?...

O jury não está com uma corda ao pescoço, e cabe não cahe de cima do patibulo, e debaixo dos pés de seus algozes?...

A imprensa não está cheirando a azeitunhavre?...

A magistratura não é, salva as excepções revolucionarias, uma especie de relógio, que anda, conforme a corda que lhe dá o poder executivo?...

Os delegados e subdelegados de policia não são por ahi além uns reis-zinhos pequenos, que tudo fazem e decidem com um *quero, posso e mando*, que faz a gente andar com a sua liberdade, honra, e vida, *libertas, decus, et anima nostra*, dependuradas por um cabellino na ponta da espada policial?

Não ha duvida! os *mestres* tem juizo a faltar: o endiabrado systema constitucional está tão distante de nós, como a vergonha se acha afastada da corrupção; graças aos pais da patria temos o santo absolutismo na terra; por causa das duvidas anda encaipotado; mas o diabo é, que quasi sempre pela maneira do capote lhe escapa, e se estende pela rua um rabo tão cumprido, como... como... tal e qual como o rabo de certos herões, que todos nós conhecemos.

A consequencia de tudo isto que acabo de dizer, é que neste nosso Brasil temos apparentemente, isto é, de lingua, *constituição* até não poder mais; e realmente, isto é, na pratica, absolutismo até mais não poder: é uma cousa por dentro e outra por fóra, e portanto dá-se o caso de se repetir os versinhos:

Por cima muita farofa,
Por baixo molambo' só!

Eu sempre tiro as minhas consequencias muito a tempo: ora ahi está que agora não me seria possivel ir adiante com as minhas reflexões; porque acabo de avistar uma povoação, em que vou entrar com o meu compadre Paciencia.

Esta povoação é uma *villa*, e não digo o seu nome, por uma boa e forte razão: quero acostumar-me pouco a pouco a não dizer em certos casos o verdadeiro nome das cousas; pois que do contrario eu me veria obrigado a escrever na *Carteira de*

Meu Tio muito nome sujo para designar pessoas e cousas da minha terra.

Entrámos pela villa á dentro e fomos apear-nos á porta de uma estalagem, cujo dono, apesar de andar muito azafamado da sala para a cozinha, porque estava com a casa cheia de freguezes, nem por isso deixou de fazer-nos trinta cortesias e de asseverar-nos que havíamos de ser tratados á *fidalgia*; e ainda para não fazer uma excepção á regra, de que todo estalajadeiro é contador de historias, achou tempo para dar-nos miudas noticias da sua terra, em quanto almoçavamos.

Ficámos sabendo, que nesse mesmo dia tinha de abrir-se o *jury* na villa, o que fez arrégalar os olhos ao compadre Paciencia, o qual, apenas engolio o ultimo bocado, obrigou-me a levantar-me da mesa, e a sahir com elle a passear.

Assim que puzemos os pés na rua, vimos uma patrulha de guardas nacionaes, que ia

à cadeia buscar os presos. O meu embir-
rante compadre teve a idéa de ir visitar os
domínios do carcereiro, e á despeito da op-
posição que fiz a esse estúpido desejo, força
foi sujeitar-me a elle.

Entrámos na cadeia, e devo confessar que
senti assim uma especie de arrepios ao trans-
pôr o repulsivo ligniar ; foi simplesmente um
phenomeno nervoso e mais nada ; porque
eu sei muito bem que as cadeias não são
edificadas para homens da minha qualidade
para cima.

E senão, haja vista o que vai por todo
esse mundo.

O miserável farropilha, que tem a pouca
vergonha de furtar uma gallinha do poleiro
do seu vizinho, é trancafiado na cadeia, onde
fica por largo tempo esquecido, quando
não tem um padrinho que por elle se in-
teresse; mas o figurão de gravata lavada
que em dous ou tres annos e por artes de
berliques e berloques se improvisou millio-

nario, sem poder explicar donde lhe veio a fortuna, anda de carruagem, mora n'um palacio, todos lhe dão *excellencia*, e ninguém o incommoda; o que tudo é muito bem feito; porque a cadeia é destinada para os ladrões, e ladrão é sómente quem furta pouco.

O indigno caixeiro ou a canalha artista, que conseguiu agradar á filha ou sobrinha de um homem rico, e que apenas de longe a namora, ou que se atreve a mandar-lhe uma cartinha de amores, quando lhe descobrem a trapalhada amorosa é logo recrutado, ou cahem-lhe com o Anno do Nascimento em cima, e mandão-n'o para a cadeia por qualquer crime policial, que se arranja; mas o velho millionario libidinoso, ou o desregrado filho do rico, salta pela janella da casinha do pobre, mancha-lhe o leite nupcial, rouba-lhe, pelo prazer brutal de um instante, a unica riqueza da filha,

lança a desordem e a infamia no seio da família, e depois conta como uma victoria o crime, e aquelles que o devião punir, dizem sorrindo-se, quando elle passa — *que maganão de bom gosto!* — e a cousa fica nisso, e deve na verdade assim ficar; porque se a riqueza não desse direito a tão innocentes gozos, então os ricos e os pobres, a *canalha* e os *fidalgos* seriam iguaes, o que fôra um verdadeiro absurdo social.

Encontrão-se na rua um capitalista e um carpinteiro, que tem contas atrazadas um com o outro: o primeiro diz uma léria ao segundo, o segundo responde sómente: *é vossê!* travão-se de razões, o capitalista vira inglez e dá um sôco: o carpinteiro, que é naturalmente capoeira, paga o sôco com uma cabeçada; ferrão-se ambos á unha, e chega então o inspector de quartirão; o que acontece?... o carpinteiro leva uma descompostura, e vai dormir na cadeia, e a autoridade publica pergunta ao capitalista.

se quer servir-se de uma escova para limpar a casaca. É verdade, que o inspector nem ao menos procurou saber como se tinha passado o negocio e mandou logo o operario para o chilindró; mas tambem o capitalista foi horriavelmente castigado; porque o delegado, quando soube do caso, observou a S. S. ou Ex., que não era bonito andár-se sujando com semelhante gente.

Se eu fosse a dar provas da justiça com que se abrem as portas da cadeia para entrarem nella todos os verdadeiros criminosos, enchia só com isso a *Carteira de meu Tio*.

Vamos adiante.

A cadeia em que eu e o compadre Paciencia acabavamos de entrar se compunha toda ella da sala do carcereiro, que servia tambem de *sala livre*, onde ninguem se achava preso: de uma especie de xadrez, onde erão recolhidos os guardas nacionaes que commettião, principalmente os dou-

seguintes crimes: 1.º, não votar nas eleições na chapinha dos commandantes; 2.º, não tirar o chapéo aos officiaes á vinte braças de distancia; e, finalmente, uma terceira sala escura, suja, pestifera, onde estavam agglomerados todos os presos accusados de crimes affiançaveis e inaffiançaveis, que tinham de apresentar-se ao jury: era a enxovia.

O compadre Paciencia quiz arrastar-me para a enxovia; mas eu arranquei-me de suas mãos, e recuei diante da porta fatal: aquella sala, que talvez não se tivesse varrido a annos, exhalava um cheiro nauseabundo e empestado; os presos respiravão um ar pesado, mephytico, e pestilencial: cada preso respirava por sua vez a porção de ar já respirado mil vezes por todos os outros!

O compadre Paciencia achou que era boa occasião de tomar a palavra e começou:

— Ahi dentro dessa immunda casinha existem talvez alguns accusados, de quem o jury reconhecerá a innocencia d'aqui a pouco; como não deverãõ esses innocentes aborrecer uma sociedade, que antes de certificar-se do crime, que lhes imputavãõ, os confundio com os facinorosos, e os envenenou fazendo-os respirar o ar da peste?... e ainda mesmo que todos esses miseros presos sejam criminosos e scelerados: que direito tem a sociedade de trata-los de um modo tão indigno e brutal?... ahi nessa enxovia corrompe-se e perde-se de uma vez para sempre o homem, que imprudente commettêra o primeiro delicto, e que arrependido e moralisado talvez pudesse ainda ser util á sociedade, que estupidamente o estraga: ahi nessa enxovia condemna-se o corpo ás enfermidades, a alma á immortalidade! ahi...

Não pude soffrer por mais tempo o sermão do compadre Paciencia, e retirei-me

para o xadrez dos guardas nacionaes ; tão cêgo e tão apressado vinha , que dei uma topada em um par de tamancas : erão as tamancas do carcereiro , que nesse dia tinha calçado as botas domingueiras , e deixado os sócos do seu uso ordinario ; o que porém attrahio por acaso a minha attenção , forão umas pequenas paginas impressas , que estavam cahidas e desprezadas entre as tamancas.

Tive vontade de vêr o que continhão os taes papeizinhos , e apanhei-os : cousa celebre ! vi diante de meus olhos algumas paginas soltas da *Constituição e de outras leis* , que tinhão provavelmente feito parte de alguma folhinha dos Srs. Laemmert , que , aqui para nós , são homens na verdade perigosos , infensos á ordem publica , visto que tem o máo costume de vulgarisar esses codigos , e leis , que fallão em direitos do povo , e em deveres do governo , e outras bugiarias semelhantes.

E, cousa mais celebre ainda!... as malditas paginas continhão artigos da nossa *defunta*, da lei da guarda nacional, etc., etc., que parecião vir tão a proposito para o caso, em que nos achavamos, que não posso resistir ao desejo de transcrevê-los na *Carteira de meu Tio*, ao menos para recordar-me e applaudir-me do desprezo em que são tidos, e do nenhum caso, que merecem.

Ahi vão essas phantasmagorias legislativas, e constitucionaes.

« Constituição do Imperio: artigo 179.

« § XXI: As cadeias serão seguras, limpas, e bem arejadas, havendo diversas
« casas para separação dos réos, conforme
« suas circumstancias, e natureza dos crimes. »

Olhei para a enxovia e soltei uma gargalhada!

« Lei do 1.º de Outubro do 1828: Título II — Funcções Municipaes:

« Artigo 57: Tomaráo por um dos primeiros
« trabalhos fazer construir ou concertar
« as prisões publicas , de maneira que haja
« nellas a segurança e commodidade, que
« promette a Constituição. »

Tornei a olhar para a enxovia e a soltar
nova gargalhada !

« Lei da Guarda Nacional : Capitulo II :
« Artigo 116 : A pena de prisão imposta
« aos Officiaes, Officiaes inferiores, Cabos, e
« Guardas Nacionaes, só será cumprida nas
« cadeias publicas, onde não houver forta-
« lezas, quartéis, casas de camara, ou ou-
« tros edificios , que se possam destinar a
« esse fim. »

Ia-me escapando uma terceira gargalha-
da ; mas contive-me a tempo, vendo chegar
o compadre Paciencia , que , se descobrisse
o motivo da minha estrepitosa alegria, dava
de certo o cavaco, e era até capaz de de-
clarar guerra de morte a aquellas pobres e
democraticas tamancas, que alli estão pi-

sando artigos da Constituição e das leis do Imperio, como se fossem botas envernizadas e aristocraticas de algum ministro ou alto funcionario do Estado.

Vejão só a que extremo nos tem levado as theorias da *igualdade politica*, que já os carcereiros se julgão com direito de fazer o mesmo, que fazem os fidalgos do poleiro!

— Vamos assistir ao jury: disse-me o compadre Paciência.

— Ao jury?!?! exclamei eu recuando dous passos.

— Pois que mal haverá nisso?... será essa bella e santa instituição algum bixo de sete cabeças?...

• Tem razão, compadre: lembro-me agora de que o homem da hospedaria nos annunciou, que hoje se installava o jury; declaro porém, que já suppunha banida para sempre da nossa terra essa intoleravel judiaria.

— É certo, que estive quasi não quasi.

indo fazer companhia á defunta guarda nacional, e a outras defuntas do mesmo genero; mas felizmente, quando mais azafamados se mostravão os estadistas mata-jury, appareceu um genio benefico com uma *vassoura* encantada, que varrendo as idéas retrogradadas, deixou os salvadores da patria com agua na boca! Olhe que foi uma dos diabos!...

— Mas. como é possivel, que...

— Ora como é possivel?!?! você nunca ouviu dizer, que gallinha quando vira o ovo, por mais que se açaape, acocóre, se arque, e se esforce, não põe?... pois ahi está, como foi; desta vez a gallinha virou o ovo.

— Não creio nessa, compadre; os homens da escola sublime, e da politica dos caranguejos, não recuão.

— Você não sabe o que diz, menino: a politica dominante é uma especie de periodo grammatical, que tem oração princi-

pal e orações subordinadas e incidentes: quem queria matar o jury era uma oração incidente; e você deve saber, que a gramática dá pouca importancia ás orações incidentes, e o periodo pôde passar sem ellas.

— Por consequencia...

— Por consequencia a *incidente* ficou entre parenthesis; a *principal* deixou-a com cara de noivo logrado; as *subordinadas* rião-se do *espicha*; e o jury salvou-se acolhendo-se á sombra das *vassouras*. Não ha nada mais claro.

— Pois foi uma horrivel calamidade para o nosso paiz! O jury é uma instituição immoral e perigosa; immoral porque muitas vezes um homem de gravata lavada, um barão por exemplo, está sujeito a ser julgado por um calafate!...

— E então?... se o calafate tiver as qualidades exigidas pela lei para ser jurado?...

— Mas os calafates, os pedreiros, e todos

os artistas não devem nunca estar no gozo dos direitos de cidadão brasileiro, senão para serem guardas nacionaes, e votar nas eleições na chapa da policia, que é sempre a melhor.

— Bravo ! isso é idéa de fidalgo novo, que é synonymo de patuléa de velho.

— E, além de immoral, o jury é uma instituição perigosa ; porque no caso de uma revolução politica, quando o governo entenda que deve aproveitar o ensejo para aniquilar com os culpados tambem alguns innocentes do partido contrario, póde o jury absolver os revolucionarios innocentes, o que é um verdadeiro e poderoso incentivo para novas rebelliões.

— Então, quando o governo diz — *mata!*...

— Deve haver sempre um juiz, que diga *esfóla!* — isto será entendido : o governo tem sempre razão.

— E se os homens, que no governo dis-

serem — *mata!* descerem do poleiro, e subirem os outros, que estão de baixo?...

— Ficão estes tendo sempre razão, e eu a dar-lhes *apoiados* e *bravos*, apenas desconfiar, que elles abrem a boca.

— Oh compadre! você é um heróe, e um homem extraordinario!

— Heróe, não daído; mas extraordinario, nego; porque ha tanta gente, que pensa, e pratica tal e qual, como eu, que não tenho remedio senão me considerar um homem muito ordinario.

— Isso agora tambem é verdade.

Assim, conversando, era eu levado pelo meu compadre para a casa, onde se reunia o jury, que era a mesma em que celebrava suas sessões a camara municipal da villa; mas, ao dizer-me suas ultimas palavras, tinha o Sr. Paciencia carregado os sobr'olhos, e eu entendi que devia fazer ponto final; porque o tal velhinho liberal ha de ser por

força, como todos os liberaes, que não tem papas na lingua, e atirão á cara da gente cousas, que só se devem dizer por detrás.

Se eu algum dia chegar a ser sómente subdelegado e apanhar o compadre Paciência debaixo da minha jurisdicção, juro, que o farei trancafiar na cadeia, como perturbador da ordem e do socego publico, ou pelo menos o mandarei muito bem recomendado para o palacio da Praia-Vermelha; porque este meu compadre é um doudo, e um doudo perenne.

Pois não se lhe metten na cabeça o defender o jury?...

⊙ que é o jury?...

O jury é um tribunal, para ser membro do qual basta ter bom senso, segundo diz a lei, e por consequencia não ha bixo careta, que não se supponha com direito de ser jurado!...

Veirão que lei estúpida, ou antes que

excellente lei e que estúpida interpretação se lhe dá. Bom senso! pois devéras o bom senso é cousa que se ache por ahi assim com tanta facilidade, que não ha freguezia, que não dê cincoenta ou cem jurados?...

Bom senso muitas e muitas vezes não se encontra nos actos dos proprios directores do governo do paiz.

Ha ministros, que baralhão de tal modo os negocios exteriores, que fazem com que a nação carregue ás costas com os Estados vizinhos, e ainda em cima seja olhada como inimiga pelos mesmos Estados limitrophes, que sustenta e defende. Serão aconselhados pelo *bom senso* taes actos de taes ministros?...

Ha deputados, que pelo simples prazer de aggreddir um ministro compromettem o governo do seu paiz com governos estrangeiros, atirando no meio da discussão proposições imprudentes, intempestivas, e inconvenientes: terão *bom senso* taes deputados?...

Ha jornalistas que defendem até as medidas mais revoltantes tomadas pelo ministerio, e outros que atacam os actos os mais justos, e santos do governo, só pelo gosto de os defender ou atacar porque aquelles que estão no poder são seus co-religionarios ou adversarios: terão *bom senso* taes jornalistas?...

Terão *bom senso* aquelles que gastão com um theatro italiano (nem ao menos é com o theatro nacional!) tanto dinheiro, quanto seria necessario para abrir uma estrada de algumas leguas, e isto em um paiz, que precisa tanto de estradas, como de pão para boca um pai de familia, que pede esmolos?...

Terão *bom senso* aquelles que estragão a moeda sublime, com que nas monarchias se costuma pagar os serviços relevantes feitos á patria, e á corôa, barateando os titulos, as honras, e por consequenciã depreciando essa bella, e *proveitosa* moeda?...

Eu podia ir ainda muito além; vejo-me

porém quasi a esbarrar com o nariz na porta da casa do jury, e não devo proseguir.

Isto mesmo que acabo de escrever na *Carteira de meu tio* ha de ficar muito em segredo; porque aliás seria um verdadeiro comprometimento para mim; pois que fallei na linguagem do compadre Paçiencia, e não segundo as lições da escola, que sigo.

É que, em me lembrando do tal *bom senso*, fico fóra de mim e digo asneiras.

Vou entrar pela porta do jury; mas antes de o fazer, quero tirar a minha conclusão a respeito do *bom senso*.

Lá vai ella:

Se o *bom senso* é, como eu entendo, o *senso bom*, a disposição da lei ácerca do jury, é optima; porque os apuradores ou designadores dos jurados poderãõ nullificar essa instituição immoral e perigosa, não achando nunca *bom senso* no pparéo da Constituição, e tornando por isso impossivel o jury.

Se porém entende-se por *bom senso* o senso commum; proponho que se acabe com o maldito jury, e para isso não é preciso discussão nas camaras, nem projectos, nem ordem do dia, nem discursos; basta que um ministro, ainda que seja o da marinha, lavre uma portaria, dizendo—*Hei por bem revogar o jury*—. E está acabado tudo.

Não seria o primeiro nó gordio que por tal modo se desatasse no Brasil. Graças á providencia nós temos tido por ministros de estado na nossa terra cada Alexandre Magno do tamanho assim! não é brinquedo, ministros, como o *juiz de paz da roça* que revoga a Constituição por uma vez sómente, contamos apenas um ou outro; mas que revogão a pobre *defunta viva*, sómente por muitas vezes, isso é um gosto: conta-se ás dazias! *Stop!* que entrei na sala do jury.

O compadre Paciencia avançou um passo adiante de mim, e foi o primeiro a penetrar no recinto daquelle templo da justiça: o

prazer expandia o rosto do pateta do velho, e sua cabeça com o que se ergueu altiva e orgulhosa para saudar essa phantasmagoria de tribunal filho de uma instituição democratica e revolucionaria.

O meu compadre é um pobre homem, que tem a cabeça cheia de lantijoulas e carami-nholas, e ainda acredita nas cebolas do Egypto !

Creio que lhe cahio a alma aos pés, quando passou além da porta : conheci, que se lhe torceu o nariz, como se sentisse mão cheiro, e que se fez amarello, como se fosse de repente atacado de alguma dôr de barriga.

Eis-aqui o que eu vi.

A sala destinada para o jury era vasta, e podia conter além dos membros do tribuna grande numero de espectadores ; mas dentro desse mundo forrado e assoalhado, vião-se apenas o juiz de direito, o promotor, um advogado, dous procuradores, o escrivão, quatro meirinhos, alguns curiosos, e os ju-

rados emfim, que chegando a duas duzias, *apparent rari nantes in gurgite vasto*, e podião-se comparar, espalhados como estavam por aquelle immenso salão, aos raros camarões, que nadão nas sôpas das sextas-feiras no jantar do seminario.

O juiz de direito sentado na sua cadeira presidencial mostrava-se firme, immovel, e estatico, como o convidado de pedra; mas dentro de si estava dando a todos os diabos a maldita instituição do jury, que naquelle momento tinha o desaforo de lhe impedir o prazer de fumar um *havana*.

O promotor sorrindo-se maliciosamente e com a graça propria de um joven doutor de esperanças, fitava de vez em quando a sua luneta sobre algum dos jurados e divertia-se depois desenhando com o lapis a casaca de abas de tesoura de um, e as calças de longas presilhas de outro, entremeando os desenhos com versinhos epigrammaticos á estúpida instituição do jury.

O advogado contentava-se com fazer notar aos dous procuradores o quanto aquella sala se mostrava propria para um baile, e o como estava mal empregada destinando-se ao jury, que é uma instituição contraria ao bom senso, ao espirito publico, e á boa administração da justiça.

O escrivão resmungava, maldizendo os *ossos* do officio, e praguejando contra essa patacoada chamada jury.

Os jurados queixavão-se uns aos outros da massada, que soffrião, e estavam pelos cabellos.

Era uma revolta geral, embora abafada, contra a fatal instituição.

No fim de uma longa hora forão sorteados novos jurados, e o juiz de direito declarou, que adiava a sessão para o dia seguinte, por falta de numero.

Ninguem foi multado, porque entre os que tinham faltado contavão-se duas *potencias* electoraes, que era preciso respeitar.

Levantáram-se todos, e começou a palestra: o juiz de direito foi para um gabinete fumar o seu *havana*, tendo primeiro convidado ao promotor e a dous jurados para jogar o vultarete.

Misturáram-se homens da justiça official, jurados, e espectadores: vi-me obrigado a acompanhar o compadre Paciencia, que se foi mettendo por meio daquella gente, como piolho por costura.

O primeiro que tomou a palavra foi o escrivão, que começou a *xingar* o jury com toda a força de seus pulmões: o homem era verboso, e eloquente, como um padre-mestre; tinha porém o defeito de, quando fallava, cuspir em todos, que estavam de redor d'elle; porque soltavão-lhe da boca os perdigotos, como scintellas da forja de um ferreiro: dessa vez o orador cuspi não só nos circumstantes, mas tambem e principalmente no jury.

Olhei para o compadre Paciencia, e logo reparei, que elle já tinha a ponta do nariz

vermelha, e os olhos abrazados : agarrei-lhe no rabo da nizia e pedi-lhe, que se mantivesse na *ordem* : porém o velho deu um arranco, e escapou-me das mãos ; é notavel ! nesta minha terra quanto mais comprido se tem o rabo, melhor se escapa da ratoeira, e mais audacia e altas pretensões se apresenta !... pois a nizia do meu compadre tinha um rabo tão grande, que parecia de ganhador politico, que já chegou á *excellencia*.

Previ, que iamós ter arenga no becco, ou tempestiade na sala. Assim aconteceu.

O escrivão acabava de levantar a voz, e de exclamar :

— O jury é uma inspiração do demônio das revoluções, ou um parto de cabeças desmioladas...

Quando o compadre Paciencia saltando-lhe á frente, e cortando-lhe a palavra, respondeu :

— O senhor escrivão não deve calumniar assim uma das mais santas instituições do paiz.

— Quem é você?...

— Ora quem sou eu !... sou um cidadão brasileiro : serve-lhe esta ?...

— E quem o chamou cá ?... Quem lhe deu o direito de metter-se comigo ?

— E quem deu ao senhor o direito de atacar em um lugar publico uma instituição estabelecida pelas leis ? Quem o autorizou para sophismar de um modo reprehensivel contra o jury !...

— Sophismar !... pois a minha logica...

— Qual logica, nem meia logica ! o que estava fazendo era lançar a descrença no coração simples e bom destes homens honrados, porém rudes, e isso é um verdadeiro crime.

O compadre Paciencia voltou-se para os jurados, e tomando uma larga respiração, começou, como um tribuno de vespera de eleição, a proclamar por este teor e fórma :

— Meus amigos, sou roceiro, e vivo de plantar canna e mandioca, assim como vós, e por isso devemos melhor que ninguem en-

tender-nos; escutai pois: eu vou demonstrar-vos, que o jury é uma das mais santas instituições, e que o mais ignorante de vós, comtanto que tenha *espírito são*, está perfeitamente habilitado para ser um excellente jurado: ora bem...

Os jurados cercarão o compadre Paciencia, como se se alegrassem de ir ouvir um homem, que era lavrador como elles, e que não se temia de ter um *bate-barba* com o escrivão; mas este dando o cavaco por vêr que lhe roubavão o seu auditorio, atirou-se adiante do orador, e não o deixando passar além do exordio, exclamou:

— Deixem-me confundir este doutoraço de triste figura, que não póde deixar de ser algum barbeiro de aldéa...

— Pois vamos lá, confunda-me, senhor barbeiro da cidade!

— Diga: negará por ventura, que no Brasil o jury tem dado mil exemplos de decisões in-

justas, e de sentenças impostas pelo patrocínio?... não, e não ; logo, morra o jury !

— Muito bem, senhor escrivão, respondeu o meu compadre ; aceito o principio e a consequencia : o jury tem sido mil vezes injusto no Brasil, logo, morra o jury !

O escrivão soltou uma gargalhada de triumpho, e o compadre proseguiu.

— Mas o que a sua logica decide ou conclue a respeito do jury deve tambem concluir a respeito de todos os juizes e tribunales injustos ; ora, ninguem ignora que muitos juizes municipaes e de direito tem commetido no fóro clamorosas injustiças, alguns por ignorancia, outros por compadresco, e outros até por corrupção ; logo, morrerão os juizes municipaes e de direito !... que diz á logica?... diga tem sido sempre justas as decisões das relações?... não peccão ellas mil vezes?... não é certo que até o proprio supremo tribunal de justiça uma vez por outra *sicut et nos manqueja de um olho*?... logo morrerão as re-

lações" e morra o supremo tribunal de justiça!... que diz á lógica? oh! mas o raio deve ferir unicamente o jury: os jurados devem ser objecto das mais severas censuras, ao mesmo tempo que os magistrados, responsáveis por seus erros, e tantas vezes errando, nunca provão o amargor de uma séria, conscienciosa responsabilidade, porque emfim, lobo não mata lobo!... que diz á lógica? ..

— Os jurados absolvem a todos os afilhados e capangas dos potentados das villas! bradou o escrivão.

— Absolvem alguns, é certo; não sabe porém a razão disso?... primeiramente é porque muitas vezes os magistrados da villa, preteñdentes a deputações e por isso dependentes dos potentados, influem no espirito dos jurados, e promovem até às escancaras essas absolvições, e em segundo lugar é porque não ha segurança individual no paiz, e os cidadãos reuão ante a vingança e o furor dos poderosos: dê o governo segurança individual.

a todos, como lhe cumpre, e verá se a cousa vai-se endireitando ou não : o que fáz porém o governo?... corteja, estende a mão, e cobre de honras os proprios mandatarios de crimes, quando precisa delles para as eleições : dá-lhes todos os empregos, e arma-os de novos e terriveis meios de vingança e de terror. E dizem que o jury é a causa da impunidade ! ora, é boa ! a causa da impunidade é a mania de fazer deputados e senadores, que tem o governo: olhe, meu caro escrivão, se quer que eu lhe conceda que o jury é máo, ha de me conceder primeiro, que o nosso governo é pessimo.

Tornei a agarrar nas abas da nizia de meu compadre.

O escrivão já estava vendendo azeite as canadas, tanto mais que via os jurados darem signaes de approvação ao compadre Paciencia, e foi com voz alterada e cuspiendo em todos ao redor de si, que tornou, bradando ;

— Sustento e juro, que esta cousa chamada

jury é prejudicial, e inconveniente mesmo para os desgraçados réos: olhe, senhor liberalão, olhe alli para aquella cadêa, e saiba, que dentro della existem alguns accusados, que esperão ha tres annos pelo seu julgamento, e que por isso amaldiçoão comigo esse tribunal funesto, que nem se reune no tempo determinado pela lei!...

— E de quem é a culpa?... perguntou o compadre; o senhor e os presos a quem devião maldizer era a autoridade, que tinha obrigação de convocar o jury, e que o não fez: e quer saber porque isto acontece?... é porque os magistrados em vez de permanecerem nas suas comarcas e villas administrando a justiça, fazem-se deputados geraes, e provinciaes, e além do tempo das sessões das camaras, passam tambem fóra dos seus lugares de magistratura longos mezes de licença gozadas em detrimento do serviço publico: olé! mas a pepineira está por um triz: já temos as *relativas*, senhor escrivão, e as

absolutas hão de vir correndo, como os rios correm para o mar; as incompatibilidades são uma especie de manná do Céu. que está sabendo a gaitas ao paladar do povo !...

— Que indignidade !... exclamou o escrivão : homem dos diabos ! não está vendo diante do seu nariz um tristissimo exemplo ?... não vê, que o jury foi hoje convocado, depois de tres annos, e que não se reunio o numero legal de jurados ?...

— Necessariamente assim deve acontecer; pois estes honrados lavradores, que têm nos jornaes as descomposturas que ministros de estado, senadores e deputados dão ao jury; que ouvem até os escrivães insultando e desacreditando este respeitavel tribunal : não hão de desgostar-se de fazer parte d'elle ?... não hão de procurar fugir de tomar parte nas deliberações desse jury injuriado, calumniado e amaldiçoado por aquelles mesmos, que o devião honrar e trabalhar por acredita-lo ?... Oh ! sim ! eu

desculpo os jurados ; mas reconheço, que elles errão gravemente, furtando-se a comparecer e desempenhar os seus deveres no jury ; errão sim, porque dessa maneira emprestão armas aos inimigos de uma tão admiravel instituição, que entretanto se pretende nullificar para erguer no paiz o poder omnipotente da béca. Safa ! que os *projectos* são de fazer arripiar os cabellos !... Estou vendo que mais dia menos dia querem que se mande arrear o estandarte auri-verde, e que se levante no páo do morro do Castello uma béca por bandeira nacional !

— O senhor é um homem que divaga, que não argumenta, e que não diz cousa com cousa ! tem olhos e não quer ver ; tem ouvidos e não quer ouvir : pois não comprehende, não lhe entra nessa cabeça de abobora, que um povo ignorante, como o nosso, ainda está muito longe de achar-se habilitado para cumprir a missão difficil e espinhosa, que compete aos jurados?... O

Brasil está muito atrazado, meu velho doudo ; o jury é nma cousa muito sublime para esta terra de caboclos meu liberalão das duzias !

Eu estava espantado da prudencia , que até então havia mostrado o compadre Paciencia , e tanto , que tinha deixado escapar de minhas mãos o rabo da nizia ; a minha admiração porém subio de ponto ao vê-lo rir-se dos insultos, que lhe erão dirigidos, e responder, sem se exaltar, como quem não tinha sido chamado *velho doudo, e cabeça de abobera !*

— Engana-se, meu estupendissimo escrivão, engaña-se redondamente : não é necessario ser letrado, nem sabio para ser um excellente jurado ; escute lá um juizo insuspeito , pois que não sabio da boca de nenhum rusgnento, nem da cabeça de nenhum liberalão ; é o juizo de Catharina , imperatriz da Russia : olhe que é da Russia, terra bem-aventurada , onde se come sebo , e se tem

suspensão sobre as costas o incomparavel *knout*, que é um amavel e delicado chicotinho, feito de couro de boi trançado, e terminando em muitas pontas do mesmo couro, as quaes acabão ainda com o seu supplemento de fios de ferro torcidos ; impagavel instrumento , a que estão sujeitos criminosos, e soldados ! doze vergalhadinhas bem puchadas mandão um homem desta para melhor vida ! por certo que é um instrumento mil vezes superior ao *bacalho*, com que castigamos os nossos escravos : viva a Russia ! mas vamos á questão : eis-aqui o que dizia a imperatriz Catharina : « Nas pesquisas das provas de um delicto , é necessario destreza e habilidade , é necessario ainda clareza e precisão para formular o resultado dessas pesquisas ; mas para *judgar* , segundo esse mesmo resultado, não é preciso senão o simples *bom senso* , que guia com mais segurança do que o *saber* de um juiz habituado a querer encontrar culpados por toda parte. »

O escrivão não se atreveu dessa vez a replicar : ouvindo pronunciar o nome da Russia , e da imperatriz Catharina, curvou a cabeça de um modo theatral e respeitoso.

O compadre proseguio, voltando-se para os jurados.

— Meus amigos, não acrediteis nas historias da carochinha, que vos querem embutir os taes reformadores do jury : a obrigação do jurado se limita a conhecer o facto, e não ha um só de vós , que não seja capaz de desempenhar essa missão. Tambem elles dizião aqui ha annos atrás , que os nossos males provinhão da chamada *justiça barata* , e fizeram uma reforma para acabar com os juizes populares : mas qual foi o resultado da reforma?... em lugar de um juiz municipal, e outro de orphãos, que erão os juizes leigos, derão-nos igualmente leigos seis supplentes do juiz municipal , um delegado, uns poucos de subdelegados , e uma duzia de supplentes de tudo isso em cada villa !... e os su-

jeitos bradavam que as villas não tinham gente para os dous lugares de juizes leigos !... de modo que onde não havia dous, descobrirão elles duas duzias !... E que taes ! Oh ! Sr. escrivão ; como é que se diz em certos casos lá na sua geringonça judiciaria ?... não é : — *embargado seja o embargante ?*... pois eu paraphraseio o dito , e requeiro , que *reformados sejam estes reformadores*.

O escrivão deu um salto para frente, cuspiu à direita, cuspiu à esquerda, e exclamou gritando como um possesso :

— Os grandes estadistas da minha terra já condemnarão definitivamente o jury.

— Puff !... bradou o compadre Paciencia.

— E não ha de ser um velho desmiolado quem me fará adoptar idéas perigosas e anarchicas !...

— Puff ! puff !... Sr. escrivão !

— Abaixo o jury !... morra o jury !... gritou o escrivão.

— Viva o jury !... vivão as instituições livres !... gritou ainda mais alto o compadre.

— Morra !..

— Viva !...

O escrivão não pôde mais conter-se , vermelho como um camarão torrado , com os olhos em chamma e a boca espumante , avançou um passo para o meu pobre compadre Paciencia , e como ultimo argumento da sua logica , deu-lhe tão tremendo murro , que quasi o deitou por terra.

Em um abrir e fechar d'olhos filárão-se os dous antagonistas ; o escrivão agarrou-se aos peitos da nizia do compadre de meu Tio , e este fez honra igual á aristocratica e bella casaca do seu adversario.

Os jurados começaram a dar gritos de *ordem ! ordem !* e eu achando que devia pôr um termo a aquella vergonhosa briga , principiei a puchar pelas abas da nizia do compadre , com quanta força tinha , e tanto puchei , que por fim de contas cahi de pernas para

o ar com as abas da nizia nas mãos em quanto o escrivão cahia do outro lado ao mesmo tempo e tambem de pernas para o ar com os peitos da nizia entre os dedos, ficando em pé entre nós o compadrê Paciencia com a gola e os trazeiros da nizia no corpo.

Valente nizia aquella !... resistio, e ainda em pedaços ficou no corpo do seu dono, como Sebastopol em poder dos Russos, apesar dos postos avançados que tomão os alliados ; ou para mais propriedade da comparação, a nizia fez-me lembrar a Constituição do Imperio, que por mais que lhe tenham arrancado retalhos e pedaços, ainda se conserva embora dilacerada, presa ao coração do povo.

Mas a desordem não ficou ahí.

— Viva o jury !... tinha bradado victoriosamente o intrepido e indomavel Paciencia, que apenas vio em pé o seu adversario, atirou-se de novo sobre elle.

Os jurados acudirão então e o escrivão dando ás gambias, pois recebêra provas da

força do velho , pôz-se a gritar com toda força dos seus pulmões :

— Ah quem d'El-Rei ! querem assassinar-me !... ah quem d'El-Rei !...

O juiz de direito, o promotor, e o advogado já estavam jogando o voltarete , e muito occupados com uma *casca* não se lembrarão de que o escrivão poderia dar á *casca*

Mas de subito acudirão tres meirinhos , e logo após o subdelegado (mestraço de eleições) apenas os vio o escrivão correu para elles, e bradou para a autoridade policial :

— Senhor subdelegado , prenda aquelle revolucionario !

O subdelegado não fez mais cerimonia ; piscou um olho aos meirinhos , e dirigindo-se ao compadre Paciencia , exclamou :

— Está preso !

— Eu preso ?... E o escrivão ?...

— Não é da sua conta.

— Eu fui o agredido.... Appelle para estes senhores....

— Appelle depois de estar na cadeia.

— É uma injustiça !...

— Silencio ! não insulte as autoridades !

— É uma prepotencia !...

— Meirinhos ! gritou o subdelegado ; tranquem-me já e já esse tratante na enxovia !...

— Na enxovia ?... eu na enxovia ?... isso é contra a Constituição.... é uma infamia !...

O compadre Paciencia queria ainda protestar ; mas os tres meirinhos agarrárão-se a elle, e sem respeito a seus velhos annos o forão levando quasi de rastos.

— Ora viva lá a Constituição !... disse o escrivão, soltando uma risada de escarneo.

— Cinco minutos depois estava o pobre compadre Paciencia trancafiado no chilindrô !

Ah, que se elle não fosse compadre de meu Tio, não me causaria dô nem piedade a sua sorte. Os taes senhores liberaes, e preconizadores do progresso são verdadeiros con-

doctores de peste, e devem por isso mesmo ser recolhidos á cadeia, especie de lazaretos muito convenientes para se guardarem em quarentena os patriotas.

Ainda bem que a policia entende a cousa assim e prende e solta a quem quer, sem dar satisfação a ninguem; se não fosse a policia teria o Brasil dado á costa nos cachopos da anarchia! Viva pois a policia, que é o sexto e penultimo poder do Imperio.

Digo sexto e penultimo, porque, além dos quatro poderes reconhecidos pela *defunta*, ainda ha mais tres, em que ella não falla, e que são os seguintes:

5.º — O patronato.

6.º — A policia.

7.º — O fisco.

Tornando, porém, ao meu compadre, não tenho remedio senão ir tocar os páosinhos para tira-lo da enxovia; sou por consequencia obrigado a interromper, não sei porque tempo, a minha viagem.

E em quanto o passaro não sahe da gaiola, tratarei de vêr se engordo o ruço-queimado e a mulla-ruça do meu compadre, para continuar em breve e menos vagarosamente esta importantissima viagem, e encher com observações novas a — *Carteira de meu Tio.*

FIM DO 2º FOLHETO E DO 1º VOLUME.



ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DA

Livraria Laemmert & C.

Procurações de proprio punho. — Notas e observações jurídicas sobre o decreto n. 79 de 23 de Agosto de 1892 por Samuel Martins, bacharel em direito, 1 vol. 1\$000.

Do casamento civil, segundo o decreto n. 181 de 24 de Janeiro de 1890, annotado e seguido do respectivo formulario pelo Dr. Alencastro Autran, juiz de casamentos na cidade da Victoria (Espirito Santo), 1 vol. brochado 3\$000, encadernado 4\$000.

Guia eleitoral, contendo na sua integra a lei n. 35 de 27 de Janeiro de 1892, convenientemente annotada e seguida de formularios para todos os actos de alistamento e das eleições, pelo Dr. Alencastro Autran, 1 vol. brochado 2\$, encadernado 3\$000.

Regimento de custas judiciaes, approvedo por decreto de 2 de Setembro de 1874, acompanhado de notas, avisos e disposições interpretativas até o presente. Nova edição correcta, 1 vol. de 250 paginas, brochado 3\$, encadernado 4\$000.

Roteiro dos officiaes de justiça, ou manual das suas attribuições ou deveres, com formulario para todos os actos judiciaes, pelo Dr. Alencastro Autran, 1 vol. cartonado 2\$000.

Das fallencias e respectivo processo, segundo o decreto n. 917 de 24 de Outubro de 1890, annotado de accordo com a legislação vigente, pelo Dr. Manoel Godofredo de Alencastro Autran, juiz de direito, 1 vol. brochado 3\$, encadernado 4\$000.

Lições de politica positiva, professadas na Academia de Bellas Artes, por J. V. Lastarria, traduzidas do hespanhol por Lucio de Mendonça, 1 vol. com perto de 500 paginas nitidamente impresso e bem encadernado 10\$000.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).